

VOLUME 2

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE UMBANDA

JANAINA AZEVEDO

- CABOCLÓS, BOIADEIROS, MARINHEIROS E BAIANOS
- BANHOS DE DESCARREGO, DEFESA E ENERGIZAÇÃO
- ÉBÓS E OFERENDAS
- BATISMO E MEDIUNIDADE
- E MUITO MAIS...

INCLUI
MINIDICIONÁRIO
DE UMBANDA
TRADICIONAL

VOLUME 2

TUDO O QUE VOCÊ
PRECISA SABER SOBRE
UMBANDA



JANAINA AZEVEDO

SÃO PAULO
2009

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2009 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Diagramação

Claudio Alves

Stephanie Lin

Assistência Editorial

Noele Rossi

Capa

Jorge Godoy de Oliveira

Preparação

Luciane Gomide

Foto da capa

Bruno Araújo Rodrigues

Revisão

Cristina Perfetti

Loja: O Rei dos Orixás

Projeto gráfico

Fabiana Pedrozo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A994t Azevedo, Janaina.

Tudo o que vocês precisa saber sobre
Umbanda – Volume 2/Janaina Azevedo. – São Paulo:
Universo dos Livros, 2009.
128 p.

ISBN 978-85-7930-031-8

1. Umbanda. 2. Religião. I. Título.

CDD 299

Ao meu marido, Horacio, por me incentivar a continuar, por entender e respeitar a minha fé, embora não compartilhe dela. Ele me fez perceber que trabalho e postura sérios ultrapassam qualquer barreira.

A todos os leitores que me escreveram, leram, comentaram e entenderam a minha postura de não fazer da religião um comércio de ritos.

A todas as sugestões e elogios que recebi.

E finalmente, aos meus pais carnais, Emília e Sidnei, que continuam sendo um excelente exemplo, não só para mim, mas para os outros. E aos meus avós, Victória e Antônio, que me deram todo o apoio quando da publicação do primeiro volume.

Este livro é para vocês.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
Parte I	
Doutrina & Prática Ritual.....	17
Parte 2	
Entidades Brasileiras.....	57
Minidicionário	
Termos de Umbanda Tradicional	93
Referências Bibliográficas	125

PREFÁCIO

Eu sou de um tempo em que uma folha batida com fé, uma vela quebrada despachada no lugar certo e uma baforada do cachimbo de uma preta-velha fazia milagres, porque o que contava era a fé das pessoas, não sua conta bancária. Hoje, tudo se resolve com ebós, trabalhos e amarrações para o amor. Infelizmente, a Umbanda virou solução de problemas. A maioria das coisas as pessoas conseguem com o cartão de crédito. Para a Umbanda, infelizmente, ele também passou a existir.

Emília de Orunmilá, membro da Umbanda de Nação (nagô) há 42 anos. Foi criada na Umbanda, feita no Candomblé de Nação Nagô

Comecei meu último livro “colocando a mão na massa”, fazendo uma introdução sobre o que eu trataria. Neste resolvi começar com uma pequena reflexão sobre a realidade da nossa religião.

Em geral o tom do meu texto é bem mais impessoal, quase científico, pois meu intuito é esclarecer e trazer à luz alguns fatos que muitos tentam fazer passar por segredo de religião, apenas porque o mistério é mais rentável aos próprios benefícios do que o conhecimento. Torna-se difícil cobrar por um “show” cheio de velas, sacrifício de animais, roupas, músicas etc., uma vez que a pessoa presente sabe exatamente o que está sendo feito.

Acho que essa busca por conhecimento foi o que fez meu último livro ter a grande aceitação que teve. Fico feliz por essa busca, mas também vejo que ainda há muito a fazer.

Desde que escrevi o primeiro livro desta série, aprendi muito, pude debater com muitas pessoas, fui convidada para algumas palestras e até mesmo para ir a algumas Casas. Aprendi muito, tanto com as coisas boas, quanto com as coisas ruins que vieram a partir disso.

Pude debater com pessoas que compartilham da minha visão de que o conhecimento engrandece o homem, e conhecer a fé que se pratica é fazê-la com razão e emoção equilibradas, de maneira consciente

e por vontade, não só por medo (dos Orixás, das Entidades, enfim, do mundo espiritual em geral) ou por necessidade (a boa e velha solução de problemas: falta de dinheiro, um marido ou esposa que foi embora, um emprego que não se assenta etc.). Mas também recebi alguns e-mails, especialmente, que me deixaram um tanto quanto chocada: “Como assim, você abre para todos o que é segredo de religião e sai escrevendo livros contando até a posição em que nos sentamos dentro de uma Casa?” ou pior “Seus Orixás hão de te punir por sair revelando aquilo que é o nosso meio de vida. Se um espírito vem em terra, o cavalo tem que receber algo em troca”.

Bom, essas indagações não foram exclusivas de e-mails. Algumas pessoas em palestras que dei, em Casas que fui, me indagaram da mesma maneira. E, para minha surpresa, em maior ou menor grau, percebi como a ideia de que “tudo é um grande comércio” arraigou de tal maneira que se tornou aceitável (por vezes não nos diferenciando das igrejas “pague por seu milagre e ganhe um cantinho do céu” que tanto nos criticam). Como se diz por aí, tem gente hoje que só vive “do santo”. Virou profissão.

Foi a minha indignação com isso que me fez ouvir as palavras dos mais velhos, aqueles a quem SEMPRE devemos respeito, e sentir saudades de um tempo que eu não vivi. Um tempo em que você trabalhava o dia todo e, quando saía de noite, sendo dirigente de um terreiro, ia para Casa cuidar das pessoas, fazer sua gira e cumprir com as suas obrigações – obrigações estas, que você assumiu por vontade própria. Se a Casa recebia alguma coisa, era o justo e a justa medida de cada um em doações. Você não via templos monumentais, mas casinhas aconchegantes, onde todo mundo tinha um espaço e onde sempre tinha uma entidade pronta para te *ouvir*.

Hoje, você dá uma topada com o dedão do pé e precisa fazer alguma coisa porque é a entidade quem está te cobrando algo ou foi trabalho que fizeram contra você. Acabou-se o tempo em que se você faz alguma coisa errada, vai arcar com as consequências dos seus próprios atos. Hoje você resolve seus problemas com cartão de crédito, pagando para fazer mais um despacho.

Como o meu conformismo nunca conseguiu sequer permanecer por mais de alguns segundos no meu ser, não consigo simplesmente aceitar isso. É por esse motivo que continuo com esse trabalho, tentando fazê-lo da maneira mais clara e completa possível. Sei que ainda há muito a dizer mas outros livros virão e, eu sei, não pararei por aqui.

Por isso, dedico este livro a todos que, como eu, acreditam que o trabalho sério e a fé verdadeira, a busca constante por conhecimento e as pessoas de bom caráter, ainda hão de restaurar, não só na Umbanda, mas em todas as religiões afro-brasileiras e espíritas, o tempo em que a caridade era o bem maior de que podíamos dispor.

Janaina Azevedo

janaina.azevedo@gmail.com

INTRODUÇÃO

*Avante Filhos de fé,
Com a nossa Lei não há
Levando ao mundo inteiro,
A Bandeira de Oxalá
Hino da Umbanda (Trecho)*

Nesta Introdução vamos retomar alguns pontos que já foram tratados no primeiro livro, para que um leitor desavisado ou que não esteja acompanhando a série e tenha se interessado pelo tema deste livro em específico, não se sinta perdido ou não acompanhe tudo. Um primeiro passo é falar sobre a maneira como o conteúdo da série está sendo organizado.

Desde o primeiro volume optamos, não por dar preferência a uma vertente da Umbanda, mas por tentar seguir uma linha histórica a partir das influências primeiras da Umbanda de Tradição, por desenvolver um trabalho de pesquisa sobre este gênero da religião. O primeiro livro da coleção tinha por objetivo falar da formação da Umbanda, historicamente e, de maneira sucinta e objetiva, descrever a estrutura básica de um templo. No segundo, neste mesmo contexto, abordaremos doutrina e prática ritual, e no terceiro, indumentária e instrumentalização, isto é, o uso corrente de objetos, de ervas e outros, dentro e fora do templo.

O livro, dividido em duas partes, trata na primeira da religião de maneira geral e da estrutura que a comporta; na segunda traz aspectos das raízes da Umbanda. No primeiro livro falamos de três das mais tradicionais entidades da Umbanda, frutos do processo sincrético que deu origem à religião afro-brasileira de que tratamos: Pretos-Velhos, Crianças (Erês) e Exus. Este segundo trabalho fala dos Caboclos e Boiadeiros, Marinheiros e Baianos e outras incorporações da Encantaria Nacional. Já no terceiro livro, a ideia é falar sobre as outras influências que a Umbanda teve ao longo dos anos: a Jurema, o Catimbó e o Catolicismo, os Ciganos e os povos do Oriente, além do papel da Índia e da cultura árabe.

No primeiro livro, uma questão que muito me ocupou na introdução foi o que é Umbanda, dentro do conceito de religião. Sobre isto já demos

as devidas explicações, assim, prosseguimos com os aspectos principais dos ritos e da cosmogonia dos cultos.

Conforme dito no primeiro livro, alguns dos aspectos doutrinários da Umbanda estão calcados na existência de uma fonte criadora universal, um Deus supremo. Para aquelas vertentes de base africana, temos um Deus Supremo único chamado *Olorum* (proveniente dos mitos Iorubanos), ou *Oxalá* (sincretizado com Jesus Cristo e com o Deus Católico) ou ainda *Zambi* (proveniente dos mitos oriundos principalmente das nações de culto *bantu*, como a nação Angola).

Mas neste volume falaremos também de outra forma dessa Fonte Criadora Universal, proveniente das mitologias indígena e católica. Nele nos propusemos a tratar, principalmente, das entidades brasileiras e da encantaria proveniente destas manifestações. Assim, não incomum, encontraremos Casas, Templos ou Tendas que personificam esta fonte criadora universal no Deus Católico, se valendo da Bíblia e seguindo uma doutrina sincrética, com rezas e cantos católicos ao lado de rezas e cantos indígenas e negros, dando primazia, porém, aos primeiros. Ainda, encontraremos Casas centradas na mitologia indígena, por conta de sua forte ligação com caboclos e entidades provenientes da cosmogonia indígena. Então, nestas Casas, ouviremos falar prioritariamente de Tupã o Deus Supremo, e do panteão indígena.

Aqui, trataremos também, junto com a Umbanda, de uma outra vertente, citada no livro anterior, o Candomblé de Caboclo, no qual podemos encontrar as influências indígenas mais presentes e fortes, fruto da ancestralidade de nossa terra.

E, finalizando essa breve introdução, reitero que os conceitos aqui relatados podem diferir daqueles que são parâmetros e dogmas em muitos templos, por se tratar de uma visão generalista histórica e não detalhada, mas panorâmica do culto. Sendo a Umbanda um conjunto de templos com diferenciadas práticas religiosas, as informações aqui expostas buscam esclarecê-las da forma mais abrangente possível, sem discriminação ou preconceitos.

Embora tenhamos escolhido lidar com aquela que está mais diretamente ligada à raiz histórica da criação do culto, isto é, a Umbanda de Tradição, todas as “Umbandas” têm suas razões de existir e de serem cultuadas. Encerrando esta como na minha última introdução:

“Nenhum ser humano, especialmente no que concerne aos deuses, é detentor de qualquer verdade universal. A verdade que nos liga ao transcendente é única e verdadeira apenas dentro de nossas almas”.

PARTE I

DOCTRINA & PRÁTICA RITUAL

DOUTRINA UMBANDISTA

*“Dê de graça, o que de graça recebestes:
com amor, humildade, caridade e fé”*

***Caboclo das Sete Encruzilhadas, na Federação Espírita de
Niterói, em 15 de novembro de 1908.***

Em primeiro lugar, é de suma importância que estabeleçamos o que é doutrina, pois nessa palavra tão pequena está o cerne do conceito do qual vamos nos valer para falar sobre a Umbanda. O termo doutrina pode ser definido como o conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico, militar, pedagógico, entre outros. Ou seja, é o conjunto de regras de que um determinado indivíduo, seja em qual âmbito for, deve se valer para saber como agir, o que fazer, em que acreditar, como prestar culto, reverenciar ou, simplesmente, a quem obedecer dentro de uma estrutura hierárquica.

Dentro desse conceito – que é muito abrangente, como podemos ver – estão os temas que abordamos no primeiro livro, sobre a estrutura da Casa de Umbanda e das pessoas, sua hierarquia e os instrumentos básicos do templo.

Neste livro, porém, falaremos de outros aspectos tão importantes quanto àqueles, mas que estão ligados, em essência, à estrutura dos trabalhos e à forma de expressão da fé nos ritos e na liturgia.

A Umbanda, ao contrário de muitas outras religiões, não possui um livro canônico central, como a Bíblia dos cristãos, a Torá dos judeus, ou o Corão¹ dos muçulmanos. Embora muitos escrevam sobre a religião, ninguém pode dizer que escreveu uma “bíblia” da Umbanda, já que todas as religiões que possuem um livro sagrado os obtiveram por meio de “revelações”. A Bíblia cristã foi obtida por meio da junção de alguns

1 Corão é o nome do livro. “Al” em árabe é apenas um artigo, ou seja, apenas uma partícula da frase que serve como especificador. Portanto, quando dizemos “Al Corão” falamos, na verdade, “O Corão”.

livros da Torá judaica; das revelações dos profetas; do Pentateuco (que conhecemos como Antigo Testamento); do Novo Testamento; da palavra da revelação dos apóstolos que conviveram com Jesus, obtida pela comunicação entre o Deus hebreu e os homens; das cartas dos apóstolos sobre a vida e a doutrina que Cristo lhes deixara; e, por fim, das revelações do fim do mundo feitas pelos Anjos a São João, no Apocalipse.

Mas e a Umbanda? A Umbanda, por sua vez, tem origem nesses mesmos livros e também nos livros que doutrinam o Kardecismo (O Livro dos Médiuns, o Livro dos Espíritos etc.), na tradição oral da cultura africana, já tratada no primeiro volume e das culturas indígenas que passaram a integrá-la. Assim, os fundamentos podem variar de Casa para Casa, de vertente para vertente, mas alguns conceitos básicos são encontrados na maioria dos lugares e podem, assim, com certa ressalva e cuidado, ser generalizados na Umbanda.

O primeiro deles refere-se à existência de uma fonte criadora universal, um Deus supremo, chamado Olorum ou Zambi, e no caso das Casas mais centradas na cultura Tupi, também se encontra Tupã. Em algumas outras fala-se abertamente de Jesus Cristo, de Nosso Senhor do Bonfim e, dependendo da influência, até de Alá. O ponto é que a Umbanda se assume como uma religião monoteísta com uma hierarquia organizada abaixo do Deus único e superior que rege o Universo.

Além disso, deve sempre haver obediência aos valores humanos, como a fraternidade, a caridade e o respeito ao próximo. A caridade, por sua vez, é a máxima da Umbanda, e dela se origina grande parte dos demais conceitos. Não é uma questão, como às vezes pode soar, de doação de dinheiro ou bens materiais, trata-se de doar-se a uma causa, à fé e ao cuidado com as pessoas, levando a cabo a cidadania e a humanidade que possuímos, ajudando uns aos outros como irmãos.

Num terceiro plano, vemos o culto aos Orixás como manifestação divina. Cada Orixá controla e se confunde com um elemento da natureza, do planeta ou da própria personalidade humana, em suas necessidades e construções de vida e sobrevivência. O culto também ocorre nas Casas de raiz indígena, que o fazem valendo-se dos deuses daquele panteão (Anhangá, Iara, Acauã, Caipora etc.).

Diante disso, a manifestação dos guias para exercer o trabalho espiritual incorporado em seus médiuns faz parte da caridade, já que eles

orientam, instruem, curam, dão passes e ajuda emocional aos consulentes e adeptos da religião, criando um elo entre este mundo e o mundo espiritual. Portanto, a mediunidade é a forma de contato entre o mundo físico e o espiritual, manifestada de diferentes formas.

A doutrina, como uma regra ou conduta moral e espiritual, é seguida em cada Casa de forma diferente, mas existe para nortear os trabalhos de cada Terreiro. Assim, cada Casa terá prioridade de atendimento com uma certa Entidade, terá sessões próprias de desenvolvimento para os médiuns e ditará as datas de suas festas, as vestimentas e indumentárias, a cor das guias (obedecendo um padrão geral) e como elas são feitas.

Por último, a Umbanda prega a imortalidade da alma, a crença na reencarnação e nas leis kármicas.

Nas páginas seguintes falaremos com mais detalhes de alguns desses itens.

MEDIUNIDADE E DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Segundo o espiritismo, médium é toda pessoa com capacidade ímpar de se comunicar com espíritos e com elementos da natureza que se manifestem conscientemente, seja por meio da incorporação física daquele ente em seu corpo, pela vidência (enxergando o ente), pela audiência (ouvindo o que ele diz e transmitindo ou filtrando suas palavras) ou pela psicografia (ato da escrita motivado pela presença ou pelos ditames de um espírito que guia a pessoa em seu trabalho).

Na Umbanda, o médium serve como instrumento dos guias e das Entidades que vêm à Terra em missão de caridade. Entretanto, exercer a mediunidade não é uma tarefa fácil, e para estar preparado para ela, é necessário entregar-se à oração, aos estudos canônicos do exercício da mediunidade, à meditação e ao autocontrole. O médium deve prezar o equilíbrio e valorizar sua moral, elevando-se como pessoa e como espírito, aprendendo os conceitos necessários para o exercício da Umbanda, respeitando pessoas, Guias e Orixás.

Mais do que isso, o médium deve ser assíduo em seus compromissos com a Casa, seus Guias, suas Entidades e com as pessoas a quem se propõe atender. O amor e a fé devem ser uma constante em seu coração e ele deve ter a certeza de que a Umbanda não deve ser praticada apenas da porta do Terreiro para dentro, mas deve ser exercida na vida como

um todo. Sobre o desenvolvimento da mediunidade, citamos o espírito Emmanuel, que falava por meio de Chico Xavier:

Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se, contudo, a floração mediúnica espontânea nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa vontade, seja essa possibilidade psíquica a mais humilde de todas. A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.
Emmanuel, 1940

Uma das coisas mais fundamentais é a mediunidade não ser um dom que torna o indivíduo mais importante ou mais especial que as pessoas à sua volta, portanto, não deve ser exercida por vaidade ou desejo de se destacar, mas, sim, por compromisso consigo e com os outros, com seus Guias, como uma oportunidade clara e bem direcionada de cumprir o resgate dos erros cometidos, nesta vida ou nas outras. Ela também não deve ser encarada como um fardo ou uma maneira de ganhar dinheiro, pois a intenção do médium deve ser sempre a oportunidade única que ele tem de realizar o espírito praticando o bem e a caridade.

Infelizmente, não é incomum, nos dias de hoje, encontrarmos quem distorça esse papel e responsabilidade em proveito próprio, cobrando quantias absurdas por trabalhos feitos na direção do mal ou que não funcionam, ou então, atendendo pela vontade, muitas vezes usando a mediunidade como uma desculpa para ganhar presentes e iguarias. Esses médiuns nos difamam, mas a pior consequência é aquela que recai sobre seus próprios ombros: com esse tipo de comportamento, eles atraem para si espíritos vingativos, cheios de raiva e trevas.

Desenvolver a mediunidade é um processo sério e que deve ser orientado por pessoas responsáveis, que norteiem esse desenvolvimento a fim de dar ao iniciado um profundo conhecimento de religião, ética, honestidade, valor e moral.

É necessário dizer que a mediunidade é uma habilidade inerente a todos os seres humanos, em maior ou menor grau, e também a todos os

outros seres, animados e inanimados, uma vez que ela nada mais é que nosso vínculo com o mundo e os planos que o integram: o espiritual, o elemental, o físico e o divino. Então, todo ser humano pode influenciar ou ser influenciado pelos espíritos. No entanto, convencionou-se que médiuns são aqueles que conseguem exercer essa faculdade de maneira mais ostensiva, por meio das capacidades que já citamos.

Entende-se por mediunidade o processo em que a mudança física ocorre pela intervenção de um espírito divino, natural, elementar ou humano desencarnado. Isso porque há pessoas capazes de intervir na realidade sem a necessidade dos espíritos – os paranormais. Esse tipo de intervenção não será, contudo, tratado aqui.

Falemos mais especificamente das manifestações mediúnicas. Allan Kardec, no *Livro dos Espíritos*, tratou das manifestações dividindo-as em duas categorias. A primeira era a das *Manifestações Físicas*, isto é, toda a ocorrência ligada a ruídos e sons, movimentação e deslocamento de corpos sólidos etc. Depois, ele tratou do que conhecemos por *Manifestações Inteligentes*, ou as demais ocorrências mediúnicas, como aparições, modificações em planos de energia etc. As primeiras são cada vez mais raras, embora possam ser vivenciadas de maneira intensa e, por isso, suscitam maior curiosidade.

É, portanto, imprescindível para o bom desenvolvimento do médium, que ele se fixe em dois pilares fundamentais: o estudo, pelo qual obtém o aprendizado sobre como dispor de suas faculdades; e o desenvolvimento, porque caminha em direção ao bom uso, valendo-se de suas capacidades para seguir no caminho da evolução, com amor, caridade e boa vontade, seja no templo ou na vida cotidiana.

O médium deve realizar, sempre que possível, os rituais necessários: banhos, sacudimentos, Amacis, entre outros, que sejam adequados a seus Orixás e Guias.

Ele deve se comprometer com aquilo que escolheu realizar por vontade, e estar pontualmente no terreiro com sua roupa sempre limpa. Deve, também, sempre conversar com o chefe espiritual do Terreiro quando estiver com alguma dúvida, problema espiritual ou material.

Cada chefe espiritual pode indicar a seus filhos os livros e leituras que julgar apropriados para o conhecimento e o estudo de suas capacidades mediúnicas.

Passemos às Etapas do Desenvolvimento Mediúnico.

Etapa I – Manifestação & Adaptação

Quando da manifestação da mediunidade, uma Casa de Umbanda deve ser procurada, e o médium terá de passar por alguns processos que tornarão o aprendizado mais tranquilo e o desenvolvimento mais firme e indelével.

Numa primeira instância ele frequentará os ritos e as sessões de desenvolvimento da Casa, procurando, contudo, observar e entender os processos pelos quais passa, vendo-os refletidos nos demais filhos. Durante esse mesmo processo, devem ser explicados ao médium seus direitos e suas obrigações, sobre suas Entidades, a doutrina e a manifestação mediúnica.

Esse procedimento é necessário para que ninguém entre na religião sem estar ciente de que ao lado de seus direitos existem todas as obrigações. A instrução e o conhecimento fazem parte da fé, pois, assim, a crença não se dará pelo medo ou pelo fascínio fugaz, mas pela compreensão e pela evolução espiritual.

Durante a adaptação, o médium pode ou não incorporar, pode ou não exercer sua vidência, sua audiência ou sensibilidade de maneira a ampliá-la ou controlá-la.

Caso seja iminente, ou na falta de opção, por necessidade extrema, os dirigentes devem ajudar o médium a evoluir nesse sentido, ensinando-o a tornar o processo cada vez mais simples e consciente. O médium que se debate, quer por medo, quer pela não aceitação de sua condição, contra as manifestações não deve ser instruído a apenas “aceitar” sua condição, pois sentiria culpa e revolta e tornaria a mediunidade um fardo. O bom dirigente sabe que, ao instruir uma pessoa no caminho da mediunidade, é necessário:

- Identificar qual o tipo de mediunidade (afinal, nem todo médium incorpora – alguns são capazes de ver os espíritos, ouvi-los, falar com eles etc.). Forçar a incorporação pode traumatizar o espírito e o corpo.
- Permitir que a mediunidade se manifeste naturalmente. Se o médium não incorpora, talvez seja o caso de instruí-lo no uso de oráculos (tarô, búzios, cristais, espelhos d’água etc.). Se o caso é a audiência ou a manipulação de energia, talvez se deva instruí-lo no sentido de limpar os ambientes e orientar, conscientemente, outras pessoas que tenham contato difuso com o mundo espiritual.
- Não lidar com a revolta com revide (*Se você não aceitar, o “santo” te pune*). A política punitiva dificulta o desenvolvimento. Ao contrário,

o médium tem de notar que o dom que possui deve fazê-lo feliz e não transformar-se num fardo.

É importante entender, também, que certas pessoas (crianças, em especial, quando manifestam sua mediunidade, tendem a fazê-lo de maneira totalmente espontânea e, por isso, intensa; alguns adolescentes e adultos também preservam essas características), com altíssimos níveis de mediunidade já desenvolvida, tendem a ter um processo diferenciado, sobre o qual falaremos mais adiante, em outros ritos de desenvolvimento, iniciação e equilíbrio energético.

Etapa II – Batismo

Temos de ter em mente que o Batismo significa o despertar definitivo para a Umbanda, o momento em que o médium, conscientemente, se propõe a seguir com sua escolha. O batismo é um laço imutável, pois é o ritual que firma a Entidade, dentre todas que o acompanham desde seus ancestrais, que irá reger a cabeça, além de anunciar todas as demais Entidades.

Para o ritual do Batismo há preceitos necessários, que preparam o corpo e a alma para o ritual.

- Durante os sete dias que antecedem o ritual é preciso purificar o corpo por meio de banhos que equilibrem a energia espiritual e a física. Portanto, quando começarem os banhos, deve-se acender uma vela de sete dias em local apropriado, e tomar banhos todos os sete dias. Muitas Casas recomendam banhos com ervas neutras como folha-da-costa, folha-da-fortuna, tapete-de-oxalá (boldo) ou arruda, porém depende de cada uma e da necessidade do médium, pois são todas ervas de Oxalá, mas caso seja preciso usar as ervas de seus próprios guias, isso lhe será informado.
- Durante a semana, deve-se evitar ambientes carregados e usar roupas brancas ou o mais claras possível. Faça dessa semana a sua melhor semana.
- No dia da cerimônia, o médium deve portar:
 - Roupas brancas (ao menos duas trocas, pois uma delas será molhada).
 - Uma toalha branca, sem desenhos ou estampas, no máximo enfeitada com uma fita da cor de seus Orixás de cabeça.
 - Uma roupa velha, que será rasgada e inutilizada.

- Uma vela branca grossa de 40 cm e uma vela branca normal.
- Uma bacia branca de ágata.

A Cerimônia de Batismo

Itens necessários no ritual, providenciados pela casa e pelos dirigentes:

- Três velas: uma preta, uma vermelha e uma branca.
- Um alguidar pequeno com farofa de Exu.
- Uma quartinha de barro ou um copo de barro com água ou gim.
- Farinha de mandioca para farofa.
- Uma tábua de madeira para riscar o ponto do espírito que comanda os trabalhos espirituais ou daqueles a quem ele atribuiu essa função.
- Pemba branca.
- Incenso (não o de vareta, o incenso natural, queimado no incensador, feito manualmente, como o preparado com café, cascas de alho, alecrim, alfazema e sal grosso – este é o mais simples, mas cada Casa possui suas próprias receitas de acordo com suas necessidades).
- Sal grosso, diluído em água na hora do ritual.
- Mel ou mirra.

O batismo é realizado, em geral, em cachoeiras. Entretanto, antes de chegar ao espaço reservado a ele deve haver uma parada, para que o dirigente e o responsável pela Casa, por cuidar de Exu façam-lhe uma oferenda. Essa oferenda consiste em parar numa encruzilhada, dispor as três velas (vermelha, preta e branca) em forma de triângulo e, no centro, colocar a farofa de Exu e o copo/quartinha de água ou gim.

Em geral, a Umbanda Tradicional canta para o Exu Sete-Encruzilhadas ou para Tranca-Rua. A Umbanda de Nação canta para o Exu Orixá. A diferença entre ambos pode ser encontrada no primeiro livro desta série.

Abaixo, um canto para cada um deles:

Para Sete-Encruzilhadas & Tranca-Rua

A porteira do inferno estremeceu

E povo corre para ver quem é

É a rainha Pombajira

Seu Tranca-Rua, Sete-Encruza e Lúcifer.

Para Exu Orixá
Exu Lonan, Exu Lonan
Mojirê, Lodê, elegbara
Legbara dilê
Exu Dara kê wuá ô

É de bom-tom sair sem virar as costas às oferendas e continuar o caminho até a cachoeira, pois, como já dito no primeiro livro, Exu é quem come primeiro. Em todos os rituais, o início é sempre o que se conhece por “despachar” Exu. Enquanto ele come, o ritual se realiza, porque Exu é o mensageiro da carne e do corpo, e nesses rituais, em que invocamos as instâncias mais elevadas do espírito, o corpo deve estar completamente à disposição das energias mais evoluídas, sem se importar com as necessidades de comer, reproduzir, ou qualquer outra que faça parte de nossos instintos básicos.

Ao chegar à cachoeira, inicia-se propriamente o ritual de Batismo. É desejável que as mulheres usem saia com uma calçola por baixo (para evitar constrangimentos) e os homens calças.

A preparação segue com a incorporação do espírito dirigente da Casa que deve riscar seu ponto na madeira, às margens da cachoeira. A madeira deve ser quadrada ou circular, e nela devem ser acesas quantas velas forem necessárias, de acordo com a instrução do espírito e seu ponto. Em seguida, ele canta seu ponto para identificar-se e abrir os trabalhos.

Nesse momento, em geral, os espíritos que auxiliarão nos trabalhos incorporam em seus médiuns, e aqueles que vêm apenas para saudar o ritual “passam” também e se retiram com presteza, após cantar seu ponto e dar seu brado.

Os que serão iniciados são chamados à presença do espírito dirigente, ainda acordados (se não o estiverem, tudo bem, mas o ideal é que a própria Entidade tenha sido instruída de como será o ritual, pois seus filhos têm de ouvir as palavras que os guiarão por toda a vida espiritual). O espírito dirigente fala sobre os direitos e as obrigações dentro da Umbanda, sobre o que se espera do comportamento do médium e como ele deve se portar no caminho da evolução espiritual. Ele fala também sobre os caminhos de cada um, pois nem todos se tornarão dirigentes ou incorporarão sempre. Deve dizer que as festas de uma Casa servem para agradecer aos deuses, e não para inebriar o corpo e perverter o espírito.

Depois, ele chama um por vez e começa o ritual. Primeiro, ele fará em seus corpos sinais com a pemba branca (pequenas cruzeiras nas mãos, peito, pés, costas e frente), enquanto os demais e a assistência cantam para Oxalá:

A benção Pai Oxalá / Epa Babá

*Ô salve a Pemba, também salve a Toalha
Ô salve a Pemba, também salve a Toalha
salva a Coroa que é de nosso Zambi Maior
salve a Coroa que é de nosso Zambi Maior*

*Tremeu Umbanda, Tremeu;
Tremeu tudo o que havia
Só não tremeu Jesus ó meu Pai
Que é filho da virgem Maria*

Em seguida, os filhos serão purificados com incenso. Sua queima pelo fogo mostra a transformação, e a fumaça é usada para purificar o corpo dos filhos de Umbanda.

*Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e guiné
Alecrim, benjoim e alfazema
Vamos defumar filhos de fé*

*Com licença Pai Ogum
Filho quer se defumar
A Umbanda tem fundamento
É preciso preparar
Com arruda e guiné
Alecrim e alfazema
Defuma filhos de fé
Com as ervas da Jurema*

Em seguida, os filhos são aspergidos em seus corpos e cabeça com uma mistura de água e sal grosso, que também serve para purificação.

Com isso, eles seguem em direção ao ponto de madeira disposto no chão, às margens da cachoeira e batem cabeça.

*Vai, vai, vai
Aos pés de Nosso Senhor
Vai bater cabeça iaô
Iansã mandô
Iaô*

*Bate cabeça povo da Nação
Bate cabeça o povo da Nação
Vai pedir a proteção
Ao nosso pai Oxalá
Vai pedir a proteção
Ao nosso pai Oxalá*

Então, acendem-se as velas simples em pequenos buracos cavados na terra (para evitar que se apaguem) e as velas do Batismo de 40 cm, que são seguradas por quem será batizado. O fogo representa Xangô, Senhor da Justiça Divina, a chama que deve se acender no coração de cada filho da Umbanda pela caridade, pela compaixão, pelo respeito e pela iluminação espiritual. Nesse momento, alguns dos presentes testemunham sobre o caminho do médium até o presente e sobre a vida nova que ele terá dentro dos princípios da Umbanda.

*Pedra rolou Pai Xangô
Lá nas Pedreiras
Afirma o ponto meu Pai
Na cachoeira
Tenho meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Afirma ponto meu filho
Pai de Cabeça Chegou*

*Xangô morreu de velho
Na pedra ele escreveu*

– *Justiça meu Pai, Justiça!*
Ganhou quem mereceu
– *Justiça meu Pai, Justiça!*
Ganhou quem mereceu

Por último, o topo da cabeça, a moleira ou Ori é unguida com mirra e mel, mostrando a vida doce do caminho espiritual. Canta-se para Iemanjá, pois ela é a mãe de todos nós e Senhora de todas as cabeças.

Otopiaba, Mamãe!

Oguntê, Marabô, Caiala e Sobá
Oloxum, Inaê, Janaina, Iemanjá
Oguntê, Marabô, Caiala e Sobá
Oloxum, Inaê, Janaina, Iemanjá
São Rainhas do Mar!

Mar, Misterioso mar!
Que vem do horizonte
É o berço das Sereias
Lendário e Fascinante

Olha o Canto da Sereia:
Ialauô, Okê, Ialua
Em noite de Lua Cheia
Ouçõ a Sereia cantar

E o luar sorrindo
Então se encanta
Com a doce melodia
Os madrigais vão despertar

Ela mora no mar, ela brinca na areia
No balanço das ondas a paz ela semeia
Ela mora no mar, ela brinca na areia
No balanço das ondas a paz ela semeia

*E quem é?
Oguntê, Marabô, Caiala e Sobá
Oloxum, Inaê, Janaina, Iemanjá
Oguntê, Marabô, Caiala e Sobá
Oloxum, Inaê, Janaina, Iemanjá
São Rainhas do Mar!*

Chega a hora do Batismo. Um pouco de água da cachoeira é recolhido num vaso, e o filho deita-se sobre a toalha branca com a cabeça em direção à cachoeira. Então, canta-se para Oxum, a senhora das águas doces, mãe amorosa que abre os braços para receber o filho na Umbanda.

A água é jogada em sua cabeça, e ele escolhe um santo católico para ser seu padrinho espiritual e uma madrinha (pessoa), que será sua testemunha no processo – a madrinha não precisa ser da religião, mas deve entender a importância do que se passa ali.

E, finalmente, a Obaluê, para que a bondade e o carinho dos seus velhos espíritos venham a doutrinar esse filho no caminho do bem e da responsabilidade. Com ele pede-se aos padrinhos que intercedam sempre em tudo o que encontrarem de errado em seu filho, consagrado por todos os presentes e pela Sagrada Umbanda. O filho, em forma de agradecimento, pede a benção, de seu padrinho e madrinha, jura respeitá-los e seguir seus conselhos por toda a vida.

*Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras
Sentada na beira do rio
Colhendo lírio lírio ue
Colhendo lírio lírio ua
Colhendo lírio para enfeitar nosso congá*

*Oxum linda morena
Pra você eu vou girar!
O teu canto de sereia
Agora vai me encantar*

*Se você inda não sabe
Quem é este Orixá*

*É oxum mãe do ouro
Rainha deste Congá!*

Em seguida, o filho recita a Prece de Cáritas e faz sua profissão de fé, isto é, concorda com a fé da Umbanda e promete professá-la.

Prece de Cáritas

*Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade,
dai a força àqueles que passam pela provação da vida,
dai a luz àquele que procura a verdade
E ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.*

*Deus! Dai ao viajante a estrela-guia,
ao aflito a consolação, ao doente o repouso.*

*Pai! Dai ao culpado o arrependimento,
ao Espírito a verdade, à criança o guia e ao órfão o pai.*

*Senhor! Que a Vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.
Piedade Senhor, para aqueles que não Vos conhecem,
Esperança para aqueles que sofrem.
Que Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores
Derramarem por toda a parte a paz, a esperança, a fé e a bondade.*

*Deus! Um raio, uma centelha de Vosso divino amor pode abrasar a Terra;
deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lá-
grimas secarão, todas as dores se acalmarão.
Um só coração, um só pensamento subirá até Vós,
Como um grito de reconhecimento e de louvor.
Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos de braços abertos, oh
poder! Oh beleza! Oh bondade! Oh perfeição!
E queremos de alguma sorte merecer a Vossa divina misericórdia.*

*Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós,
Dai-nos a caridade pura, Pai, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicida-*

de e a humildade senhor, que fará das nossas almas um espelho onde há de se refletir a Vossa divina imagem.

Que assim Seja!

Profissão de Fé na Umbanda

*Juro solenemente que minha fé é verdadeira,
E que ao abraçar a Umbanda como minha religião
E o Cantinho dos Irmãos Caboclos como meu templo de reflexão,
Estou com meu coração puro
Perante minha consciência e meus princípios
Juro aplicar os meus dons de mediunidade
Que recebi dos meus guias
E desenvolvimento nesta Casa,
Somente para o bem da humanidade.
Juro reconhecer como irmãos,
Todos os seres e elementos da natureza Divina.
Juro praticar o amor e a caridade como minha missão,
Respeitando as leis de Deus acima de todas as coisas.
Juro Levar a bandeira da Umbanda em minhas mãos
E os pontos das minhas Entidades sempre adiante,
Nos caminhos que por elas me forem destinados a seguir.
Juro amar respeitar e honrar a Deus,
Aos Orixás, meus Guias, minha família, meus amigos,
Meus irmãos de fé, minha pátria e a Umbanda.*

É desejável que esse juramento seja dito por todos, memorizado, aceito e não lido de um papel. Em seguida, canta-se o Hino da Umbanda:

*Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
Vem do Reino de Oxalá
Onde há paz e amor*

*Luz que refletiu na Terra
Luz que refletiu no Mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar*

*A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de Luz
É força que nos dá vida
E à grandeza nos conduz*

*Avante Filhos de fé
Como a nossa Lei não há
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá*

Por último, canta-se uma canção em nome do rito que acabou de acontecer, e então os novos filhos se banham, com a roupa que estão, na cachoeira (em geral, é nesse momento também que seus guias incorporam ou seus erês).

*Que lindo Batizado lá no Rio de Jordão
João batiza Cristo
Cristo batiza João
Coroa minha coroa!
Que Jesus me deu minha coroa
Coroa esse filho minha coroa
Pelo amor de Deus minha coroa!*

Com a chegada dos Guias, vem a Saudação às Sete Linhas:

*Quando os Caboclos
Trazem as folhas da Jurema
E os Pretos-Velhos*

*Trazem arruda e guiné
Eles vêm trabalhar
Na Lei de Umbanda
Têm licença de Aruanda
Pra salvar a quem tem fé
Eles vêm trabalhar
Na Lei de Umbanda
Têm licença de Aruanda
Pra salvar a quem tem fé*

*O sabiá canta alegre na palmeira
E Xangô lá da pedreira
Os seus filhos vem saudar
Meu Pai Ogum
Empunhando a sua espada
Manda um toque de alvorada
Toda linha vai chegar
Meu Pai Ogum
Empunhando a sua espada
Manda um toque de alvorada
Toda linha vai chegar*

Segue-se a festa do Batismo, os guias dançam e confraternizam, mas ainda não atendem. Os filhos, depois do rito, devem passar sete dias sem comer carne e alimentos como feijão preto e outros. Eles podem comer peixe, mas não devem tomar bebida alcoólica ou fumar.

É desejável também uma abstenção sexual de ao menos sete dias, pois o corpo ainda sofrerá transformações de energia que devem ser preservadas. Diferente do que se imagina, isso não ocorre porque o sexo é tratado como algo sujo ou ruim, mas porque em uma relação sua energia se mistura à da outra pessoa, acarretando um desequilíbrio que pode afetar negativamente o filho.

Etapa III – O Culto e os Trabalhos

O filho batizado participa agora ativamente das sessões da Casa, sejam de trabalho ou de desenvolvimento. Ele também assumirá de uma vez

por todas suas funções na Casa: terá de cuidar dos alimentos, da limpeza física e espiritual, da música e da corimba² e de tantos outros aspectos.

Falaremos com mais detalhes sobre cada um desses aspectos a seguir.

OUTROS RITOS DE INICIAÇÃO

Como já foi dito, há certos casos em que o médium chega à Casa com sua mediunidade desenvolvida e, em geral, sem controle. Esse é um caso muito comum em crianças e adolescentes, por exemplo. Eles possuem um vínculo especial com o mundo espiritual, que caso se desenvolva em um ambiente saudável, com amor, carinho, compreensão e equilibrado energeticamente, será conservado por muito tempo e, por vezes, até a vida adulta.

Nesses casos é preciso tomar outros ritos antes do Batismo, e o estudo deve ocorrer de uma maneira diferente e prática, isto é, o médium deve, sim, estudar a teoria, mas também praticar o controle de suas faculdades mediúnicas e de sua energia, visando afastar os espíritos sem luz que tentem se aproveitar de suas capacidades, mantendo, ao mesmo tempo, suas energias equilibradas.

Para isso, antes mesmo do Batismo, devem-se realizar alguns ritos que colaborem para com o processo. Alguns dos ritos descritos a seguir podem variar de Casa para Casa, podem até não existir em algumas delas ou serem mais completos em outras.

O Amaci

O Amaci (vem da palavra amaciar, tornar receptivo) é um ritual umbandista pelo qual todos, tanto os médiuns iniciantes quanto os mais antigos da corrente, devem passar. Ele é o primeiro Sacramento da Umbanda. Há diferenças entre o Amaci de um médium iniciante e de um médium já batizado, experiente e coroadado. Esse ritual tem como finalidade preparar o médium para receber de forma equilibrada as energias

² Corimba são cantos e toques sagrados no terreiro de Umbanda, são muito importantes no decorrer da gira.

que provêm de sua mediunidade e confirmar as Entidades que regem sua cabeça. Como o Batismo, trata-se de um ritual de iniciação e os mesmos preceitos (anteriores e posteriores) valem para ambos.

Entretanto, não é o mesmo que Batismo, que tem como finalidade purificar o corpo e preparar as energias que o habitam. O Batismo é o marco do início de uma nova jornada, uma opção da pessoa ou de seus pais (no caso de uma criança) de viver conforme as leis da religião, aceitando e desejando aprendendo a enxergar e a interpretar a luz da Fonte Criadora Universal, dos Orixás, dos Anjos, Guias e Entidades.

O Amaci, por sua vez, é destinado apenas aos filhos que já trabalham com sua mediunidade ou que já a sentiram manifestar-se. Ele pode ser realizado tanto para acalmar a mediunidade como para dar-lhe força. Quando as manifestações são mais intensas e por vezes violentas (dadas à pouca experiência do médium, sua falta de controle psíquico ou emocional, ou mesmo a falta de doutrina das Entidades), o Amaci serve como um pedido de misericórdia e, também, como um ritual que força a energização e o controle.

O ritual do Amaci começa com a escolha de padrinhos encarnados e desencarnados. Em geral, os mesmos do Batismo, quando se trata de um médium já batizado (se este for, no lugar do Batismo, o primeiro rito, não é essencial manter os mesmos padrinhos quando o médium for batizado, mas é desejável, afinal, já diz o ditado popular: *um servo que se dedica a senhores demais, acaba não servindo a nenhum*).

O médium que receberá o Amaci deverá passar por uma preparação de sete dias. Entre suas obrigações para esse período estão: manter uma dieta controlada, abster-se de bebidas alcoólicas, do fumo e das relações sexuais (inclusive da masturbação), banhar-se diariamente com ervas como manjerição, tapete de Oxalá, folha-da-costa, entre outras.

No dia do Amaci, o médium deve usar roupa branca e portar a uma toalha branca (como a descrita no Batismo), uma vela branca de 40 cm e os fios de seus Orixás, uma quartinha branca de água e uma pequena sopeira em que estarão os fundamentos que o Pai ou Mãe de Santo da Casa lhe informarem, conforme instruído por seu zelador.

O Amaci deve ocorrer numa gira própria. Deve ser preparado pelo zelador ou pelo responsável de acordo com sua atribuição, nunca pelo próprio médium ou por alguém ligado a ele por laços de sangue ou relação amorosa.

Em geral, prepara-se o Amaci com água pura de rio ou de fonte (nunca industrializada ou engarrafada comercialmente, embora seja água mineral) e 7, 14 ou 21 ervas. O dirigente do templo, ou aquele a quem lhe for confiada a tarefa, deve colher as ervas de todos os Orixás, pelo menos uma de cada, e colocá-las quinadas no preparo feito de quatro águas (de mar, cachoeira, chuva e fonte/mineral), com três dias de antecedência ao rito.

Em algumas Casas é costume incluir bebidas alcoólicas, como vinho tinto ou branco, assim como pós e outros ingredientes que variam de acordo com as necessidades de cada médium³.

Dependendo do tipo de Amaci, durante o rito, canta-se em especial para Oxalá e Iemanjá. As canções podem ser tanto pontos de Umbanda como pontos relativos a suas manifestações católicas, como Senhor do Bonfim, Nossa Senhora de Fátima ou da Conceição, conforme a região do Brasil. O preparado é, então, dividido em duas bacias brancas de ágata, uma menor, em que cabem os fios do médium, e uma maior, cujo líquido lavará sua cabeça.

Abre-se a gira conforme os ritos da Casa, despacha-se Exu e inicia-se o rito com o canto:

*A todos que olham
A todos que estão aqui (2x)*

*Muita atenção
Hoje é noite de Amaci*

*Filhos de fé
Respeitai o pano branco
Babalaô preparou seu banho santo
Filhos de fé respeitem meu Pai do Congá
Dentro da Lei vêm saldar seus Orixás*

3 Com relação aos médiuns batizados ou que já tenham passado por um Amaci, ele será preparado com as quatro águas e as ervas de todos os Orixás quinadas, além das favas (sementes/frutos) dos Orixás da pessoa (Pai e Mãe). O preparado, nesse caso, é de uso exclusivo daquele médium.

*Saravá Exu
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar a encruzilhada*

*Saravá Ogum
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar sua espada*

*Saravá Oxóssi
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar suas matas*

*Sarava Xangô
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar sua machada*

*Saravá Omulu
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar suas palhas*

*Saravá o Tempo
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar sua hora*

*Saravá Iansã
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar sua ventania*

*Saravá Obá
Tenho a cabeça lavada*

*Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar sua coroa*

*Saravá Oxum
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar a cachoeira*

*Saravá Oxumaré
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar o arco-íris*

*Saravá Nanã
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar sua fonte*

*Saravá Iemanjá
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar suas águas*

*Saravá Oxalá
Tenho a cabeça lavada
Fiz meu Batismo na Umbanda
Hei de louvar seu Alá*

Enquanto se canta, é derramado o líquido na cabeça do médium, e os fios dele são colocados na bacia menor em que está o resto do líquido, a qual se completa com um pouco do que caiu de seus cabelos e cabeça. A quartinha e a pequena sopeira ficam numa bacia maior, sob a cabeça do médium, recebendo o líquido que dela cai e banhando-se nele, para energizar-se. Assim, ali está o fundamento do Amaci. Perceba que os banhos de descarrego, energização e outros são realizados do pescoço para baixo. Apenas o Pai de Santo, ou uma de suas Entidades, poderá promo-

ver o banho de sua cabeça, seja o Amaci ou qualquer outro, a menos que ele instrua que se faça o contrário.

Para esse ritual, é imprescindível que se use roupas brancas, com um pano de cabeça à mão – ele será amarrado à cabeça do médium para protegê-la, após a lavagem com o preparado. Em geral, essa tarefa pertence aos cambonos ou equedes, responsáveis também por levá-los a um aposento, onde o médium repousará, deitando-se numa esteira pelo resto da noite e em silêncio absoluto, a fim de manter-se em harmonia com as energias que agora fluem em seu corpo. O pano deve ficar na cabeça por pelo menos 12 horas, mas não deve ser lavada por 24 horas – porém esse tempo não deve ultrapassar 72 horas.

As folhas com que o Amaci foi preparado devem ser jogadas num rio limpo ou num jardim florido, nunca na rua ou no lixo. Elas devem ser tratadas com respeito, pois são partes vivas do rito e sua energia agora habita na cabeça do médium, ajudando a equilibrá-lo.

Fazer um Amaci não significa que você tenha um vínculo que deve ser mantido, esteja o indivíduo bem ou mal. Ele é um compromisso natural, e mesmo que em algum momento futuro o filho ou filha deseje deixar a Casa ou a religião, o Amaci pode ser levantado, segundo a sua vontade.

Para levantar um Amaci, basta lavar a cabeça com as ervas próprias de purificação que possuem energia adequada para diminuir a vibração e levantar a quartinha e a sopeira que contêm os fundamentos do rito. Caso seja da vontade do médium sair da Casa, ele deve levar a quartinha e a sopeira com ele (em geral elas ficam na Casa, não com o médium) após o banho. Caso o desejo seja de sair da religião, ele deve devolver as energias para a natureza, levando-as a uma cachoeira, com seu zelador, ao mar, ou à mata.

A energia que ali habita é uma energia natural, e para que ela não se volte contra o médium, nada deve ser quebrado, apenas devolvido. Essa decisão compete apenas ao médium, e um zelador nunca deve exercê-la, seja como forma de punição ou como maneira de desligar o médium da Casa – para esse fim, basta entregar a quartinha e a sopeira ao médium, se for do merecimento dele e de seu desejo. Isso porque a Umbanda respeita totalmente o livre-arbítrio de médiuns e zeladores, já que seu maior compromisso foi feito antes do nascimento, o Amaci é apenas uma confirmação desse compromisso.

Sete Ondas no Mar

O Amaci e o Batismo são os ritos mais fortes com relação à iniciação na religião. Entretanto, há dois outros ritos também muito importantes, realizados em casos mais complexos de mediunidade: no primeiro, recorre-se a Iemanjá, para que ela interfira e mostre qual Entidade ou guia rege a cabeça do médium, caso não se mostre de imediato ou esconda alguns outros aspectos. Aqui, vamos apenas citar o rito, pois requer alguns preceitos e preparações muito intrincados e, em geral, só se apela a ele em última instância.

Ele é realizado à beira do mar, com o médium deitado num lençol branco e os pés voltados na direção do mar, os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito, enquanto o zelador entoa cantos de saudação às Entidades, pedindo que o guia principal de sua cabeça se manifeste. O rito é realizado à meia-noite, numa praia deserta, iluminada por velas, e exige que o dirigente tenha experiência no que faz. Antes de começar o rito, o filho banha-se sete vezes no mar, e corta sete ondas com o próprio corpo. Ele não deve estar sozinho nesse processo nem deve adentrar muito o mar, já que à noite a maré tende a ser mais violenta.

O rito termina no momento em que a Entidade que regerá aquele Ori se manifesta, incorporando, dando seu brado e cantando seu ponto. Por fim, às vezes, é entregue uma tábua na qual ela deve riscar com uma pomba o seu ponto e assim confirmar quem é. Ao fazer isso, a Entidade manifestou-se frente ao dirigente, aos outros filhos da Casa, mas, principalmente, diante de Iemanjá, Senhora do Mar e mãe de todos, aquela que rege todas as cabeças.

Misericórdia de Oxalá

Já o segundo rito é essencial em casos que a mediunidade da pessoa, seja qual for o motivo (desequilíbrio emocional, psíquico, falta de conhecimento, incompreensão etc.) esteja descontrolada e causando problemas ao médium. Esse rito serve para pedir a interferência direta de Oxalá na situação.

Ele também serve a outros fins (problemas emocionais, doenças, grandes culpas ou grandes fardos etc.), mas, em geral, recomenda-se que ele seja feito apenas por médiuns e pessoas com manifestações mediúnicas, pois ele “desperta” certos sentidos da mediunidade.

Para esse rito são necessários:

- Um pano branco, de aproximadamente 1,5 m.
- Uma tigela média branca (porcelana).
- Dois pratos brancos (porcelana) grandes.
- Uma tigela branca (porcelana) média.
- Uma bacia de ágata branca (30 cm).
- Azeite de oliva extravirgem⁴.
- Um coco fresco (verde) grande.
- Uma vela de sete dias branca.
- Um fio feito de contas brancas leitosas, fechado com uma firma branca, grande, leitosa.
- Algodão branco (do tipo que vem em rolo).
- Uma sineta (de metal) pequena, já consagrada.
- Dois quilos de canjica branca.
- Leite de coco.
- Um quilo de inhame.
- Uma pitada de anil.
- Água para cozinhar.
- Ervas para fazer defumação (nesse caso, bejoim, alfazema, alecrim e pétalas de rosas brancas).
- Um vaso de flores brancas, para enfeitar⁵.
- Uma esteira grande de palha.
- Um lençol branco grande.

O filho a quem se destina o ritual deve estar vestido todo de branco e trazer consigo com uma toalha e um pano de cabeça brancos, com os quais possa envolver a cabeça.

O rito começa com a preparação dos alimentos, que não deve ser feita por aquele que receberá o ritual. Ele deve passar o dia em reflexão e meditação e falar o mínimo possível. Serão preparados:

- Um prato de canjica e uma tigela com a água branca restante

4 O azeite extravirgem é o azeite de oliva em sua forma mais pura. O virgem contém certo grau de mistura com outros óleos e os misturados não servem.

5 As flores, ao final do rito, se forem cortadas, devem ser despachadas no mar. Se for um vaso de flores plantadas – o que é melhor – devem ser passadas para a terra três dias após o rito.

Deve-se cozinhar a canjica com um copo de leite de coco e quatro copos de água. Quando estiver bem cozida, deve ser escorrida e colocada no prato para esfriar. Ela pode ser enfeitada com flores – margaridas brancas ou crisântemos são bastante apreciados para isso.

A água do cozimento da canjica não deve ser jogada fora, pois será derramada na cabeça do filho, mas até que isso ocorra, ela deve permanecer numa tigela pequena branca.

- Um prato com bolinhas de inhame

Cozinhar um quilo de inhame até começar a desmanchar. Com as mãos molhadas para não grudar e poder modelá-los bem, faça oito bolinhas do mesmo tamanho.

Num pires, coloque uma colher de sobremesa de água e misture o anil. Faça pequenas bolinhas azuis nas bolinhas de inhame, enfeitando-as. Você pode usar a ponta do dedo mindinho, um cotonete ou um palito de dente com a ponta quebrada para pintar as bolinhas.

- Uma bacia com o coco verde

Abra o topo do coco. Coloque-o no centro da bacia. (Se quiser, para ajudar a apoiá-lo, você pode cozinhar mais canjica e colocar dentro da bacia como apoio ou fazer um pequeno pedestal com um pouco de inhame modelado.) Feito isso, cubra com algodão – abrindo-o sobre tudo, como se fosse um tapete.

Durante todo o rito, canta-se pedindo a misericórdia de Oxalá. Um dos cantos mais utilizados é:

*Oxalá, meu pai,
Tenha pena de nós, tenha dó
Olha, a volta do mundo é grande
Seu poder é bem maior*

Esse rito deve ser realizado, preferencialmente, dentro da camarinha/roncó, ou num quarto reservado, nas Casas que não forem Umbanda de Nação. O filho entra, enquanto os outros cantam e deita-se na esteira. A disposição das coisas no quarto dá-se da seguinte maneira:

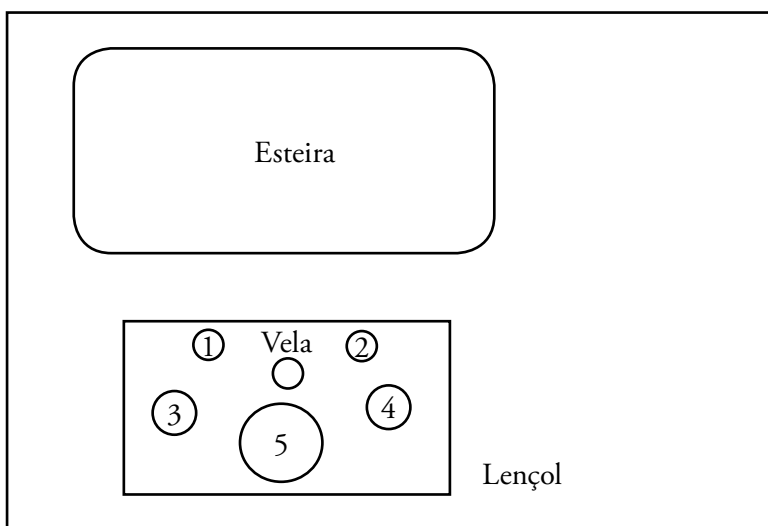


Figura 1.1.: Camarinha

Em 1, coloca-se a tigela da água com que se cozeu a canjica. Em 2, colocam-se as flores. Em 3, coloca-se o prato de canjica. Em 4, coloca-se o prato com as bolinhas de inhame. E em 5, por fim, coloca-se a bacia com o coco, coberta com algodão.

Acende-se a vela. O filho deita-se com a frente voltada e apoiada no chão com a vela à sua frente, braços estendidos em cruz no chão, e em sua cabeça é derramada a água da canjica (devidamente amparada por uma outra bacia ou tigela, na qual estará o fio branco de contas leitosas), pois essa água não deve ser desperdiçada. O filho também pode estar de joelhos, encostando a cabeça no chão. Os cantos não devem cessar e devem ser entoados pelos outros filhos da Casa.

Derramada a água, ele acende a vela, os cantos param e ele reza sozinho um Pai-nosso. Ao fim da oração, o pai ou mãe de santo toca a sineta sete vezes (fazendo uma pequena pausa a cada uma das vezes. Daí em diante, dá-se silêncio absoluto, e o que quer que tenha de ser dito deve ser no tom de voz mais baixo possível – isso é válido para todos os presentes na Casa.

O filho deve permanecer ali por toda a noite e sair para tomar banho somente quando o Sol já tiver raiado na manhã seguinte. Ele não deve,

contudo, lavar a cabeça nesse dia, somente no dia seguinte, e nesse período deve mantê-la coberta com um pano branco. Por sete dias o filho deve usar roupas brancas, evitar carnes e bebidas, e não deve fumar.

Todas as comidas têm de ser despachadas em jardim ou mata, aos pés das plantas, para que se transformem em energia para a fauna e a flora. O mesmo deve ser feito com os líquidos.

EQUILIBRANDO ENERGIAS

Uma vez iniciado, um dos trabalhos mais difíceis do médium é manter suas energias em equilíbrio. E quando falamos em energias, falamos daquelas que regem todos os aspectos da vida material, espiritual e emocional de cada um.

Os ritos que já descrevemos servem para introduzir uma pessoa na religião. No entanto, uma vez que já se iniciou – ou se ainda quer fazer parte – as energias têm de estar em equilíbrio, tanto para auxiliar no processo mediúnico quanto para manter a vida material em harmonia com a espiritual.

Nesse momento, é importante ressaltar que a tendência, seja do corpo ou da alma, é manter-se em equilíbrio. Por isso, é essencial pensar em manter aspectos positivos e negativos quando em um ritual. Não estamos falando de bem e mal, mas sim de tipos de energia e características dos instrumentos.

Vamos a um exemplo mais prático: uma pessoa que trabalha demais deixa seu trabalho com excesso de energia positiva, e os outros campos de sua vida (espiritual, emocional, amoroso, familiar, social etc.), tornam-se mais negativos. Da mesma maneira que uma pessoa que se dedica demais às relações amorosas ou ao sexo torna os demais aspectos de sua vida negativos e, até mesmo, deixa de cuidar de si mesmo, por se preocupar apenas com o outro. Nosso corpo é um templo e deve estar em perfeito equilíbrio. Não adianta ter um corpo perfeito e não desenvolver a mente e o espírito, assim como viver para a vida espiritual e não cuidar do próprio corpo (beber, fumar, comer em demasia ou muito pouco) significa um desequilíbrio de campo energético.

O corpo, a mente e o espírito podem sofrer influências externas que os desequilibrem: por exemplo, manter-se num ambiente muito competitivo de trabalho e muito estressante afeta o aspecto emocional do

indivíduo, e por mais que se consiga diferenciar um campo do outro, a energia negativa será extravasada em casa, com a família, com o(a) companheiro(a) etc.

Nesses casos, a Umbanda tem alguns artifícios que envolvem diversos instrumentos para equilibrar novamente as energias dos indivíduos: os banhos, sacudimentos ou ebós e oferendas (no caso da Umbanda de Nação). Falaremos, a seguir, de maneira mais detalhada a respeito de cada um deles. No entanto, antes, é essencial frisar que esses recursos são apenas uma ajuda e um dos ingredientes do processo. Os outros ingredientes são a força de vontade do indivíduo, a busca sincera e verdadeira pelo equilíbrio, a necessidade real de realizar o rito e a consciência do que e como é feito.

Dito isso, permanecem as perguntas: todos esses ritos são feitos sempre para o bem? Então, por que existem pessoas que prometem coisas, como trazer a pessoa amada em sete dias, fazer o outro ser demitido de seu emprego, acabar com um casamento e até mesmo causar doenças ou a morte?

Como já foi falado, tudo tem um lado positivo e um negativo. A vontade e a necessidade de quem realiza é que regerá o resultado. Observemos alguns casos.

Num primeiro exemplo, temos uma pessoa que, sem emprego ou com pouca estabilidade, opta ou recebe a sugestão de fazer um banho para prosperidade. Se a vontade e a necessidade forem verdadeiras, o banho terá o resultado desejado, pois equilibrará suas energias e a deixará mais disposta ao trabalho, bem como irradiará energia aos que estiverem à sua volta. Entretanto, se a vontade for fraca ou a necessidade não for real, mas fruto de sua insegurança ou sua instabilidade emocional, provavelmente o banho alinhará sua energia no sentido oposto, e a pessoa poderá perder o emprego, ou sentir-se desconfortável no trabalho. Já com alguém que está desempregado, além de não alinhar as energias para conseguir uma oportunidade, pode prejudicar as chances de aparecerem.

Como segundo caso, pensemos numa pessoa que se sente sozinha e, por isso, opta por um trabalho que lhe traga um amor. Esse é um dos casos mais comuns e mais complexos, pois, em geral, quando se envolve outro indivíduo em específico, também dotado de livre-arbítrio e com seu próprio destino, as coisas se complicam. Adiantar ou forçar as energias que regem a vida de duas pessoas pode ter resultados desastrosos. Assim, no melhor dos casos, um banho de amor pode trazer uma pessoa

que o faça feliz momentaneamente até que chegue o momento apropriado e surja outro que realmente será seu companheiro para a vida toda. Também é possível que a pessoa certa apareça antes da hora, então, ou os dois passarão juntos pelas provações que já lhes estavam reservadas ou esse “adiantamento” poderá ser o fim do relacionamento, já que ambos não estavam ainda preparados para tanto. No pior dos casos, se durante um trabalho nesse sentido, a pessoa mantém alguém em sua mente, ela poderá interferir em sua energia de maneira nociva, causando-lhe mal e desequilibrando-o. Assim, se o outro é casado, pode haver, inclusive, uma interferência nessa relação, levando-o a uma crise conjugal ou, até mesmo, ao término do casamento. Desse modo, as consequências virão, principalmente, sobre quem praticou o ato, e pela lei do retorno, mesmo que o relacionamento se concretize, estará fadado ao fracasso.

Assim, tem-se de ter responsabilidade e ciência de nossos atos quando praticamos qualquer um desses rituais.

Banhos Ritualísticos

Banhos são infusões que visam manipular as energias dos mais diversos elementos a fim de trocar, recolocar, fortificar ou enfraquecer, de acordo com a necessidade, um dado campo energético. Com conhecimento e propriedade, eles podem ser aplicados em pessoas, animais, locais, conforme o caso. Eles limpam as energias em excesso, aumentam a capacidade receptiva do médium e mantêm energia adequada dos corpos físicos.

O preparo, geralmente, pode ser feito de duas maneiras: quinado ou sob infusão. Os banhos quinados ocorrem em água fria. As folhas são lavadas, colocadas na água e maceradas, amassadas e picadas com as mãos até se tornar uma massa e seu sumo se misturar à água. Com frequência esse banho não é coado, e os pedaços de folhas são jogados junto pelo corpo da pessoa. Já o banho de infusão é feito com água quente: coloca-se a água para ferver, e assim que entrar em ebulição, retira-se do fogo e são colocadas as folhas e os demais ingredientes. Em seguida, o recipiente em que está a água para o banho deve ser tampado até que fique morno. Depois, basta tomar o banho, ainda morno.

Existem outros tipos de banhos, além desses com ervas, que usam os mais diversos ingredientes. No entanto, são casos muito específicos que devem ser pensados e repensados de acordo com a necessidade.

A partir disso, temos algumas categorias para classificar o tipo de banho:

- a) Banhos de descarrego
- b) Banhos de defesa
- c) Banhos de energização

a) Banhos de Descarrego

Estes são os mais conhecidos e servem para livrar os indivíduos de certos excessos de energia, reequilibrando o corpo, a mente e a alma. Um dos mais comuns e conhecidos é o Banho de Sal Grosso. Ele é simples e eficiente. O elemento principal é o sal grosso, um excelente condutor que “absorve” muito bem o excesso de carga.

O preparo desse banho é bem simples, basta, após um banho normal, banhar-se com a mistura de um punhado de sal grosso em água morna ou fria. Esse banho é feito do pescoço para baixo, ou seja, não se lava a cabeça, pois ela só pode receber ervas específicas para esse fim e ninguém deve banhar a própria cabeça sozinho, um zelador deve ajudá-lo.

O Banho de Sal Grosso é usado, em geral, apenas como um preparatório para outros banhos, para uma primeira limpeza, pois descarrega quaisquer energias, positivas ou negativas, que estiverem em excesso, e deixa o corpo mais que limpo e purificado, equilibrado e inerte energeticamente. Ele é perfeito, por exemplo, para iniciar banhos preparatórios de um ritual. Por isso, não deve ser intensiva e ostensivamente utilizado, pois tirará muito da energia benéfica da pessoa e a deixará inerte, em vez de simplesmente limpar o campo energético.

Outro ponto importante a ressaltar é que há pessoas que usam a água do mar no lugar da água da fonte misturada ao sal grosso. Nesse caso, ao contrário do que a maioria imagina, o efeito não será o mesmo. A água do mar contém vida, pequenos micro-organismos que permanecem vivos nela e são invisíveis a olho nu, é, portanto, bastante diferente de um banho preparado. O sal grosso foi seco e desidratado, tornou-se inerte para agir com esse fim e a água da fonte foi tratada e purificada, assim não contém mais o antigo sumo de vida que continha. Banhar-se na água do mar, diferente do que se pensa, acrescenta energias, e não as tira. Portanto, não serve ao mesmo propósito que a água com sal grosso.

Outro banho bastante utilizado é o Banho de Descarrego de Ervas, cujo efeito é mais duradouro. O conceito primordial das receitas desse banho vale-se de que certas ervas são naturalmente capazes de limpar e descarregar vários tipos de energia em excesso. Entretanto, é necessário um profundo

conhecimento sobre o uso das ervas para saber que tipo serve para cada pessoa. Algumas delas não podem ser usadas por uns, pois podem carregá-los ainda mais ou desequilibrar sua energia. No entanto, existem algumas ervas completamente neutras, como é o caso da folha-da-costa ou do tapete de Oxalá, que podem ser usadas por praticamente qualquer pessoa. Novamente, o dirigente da Casa, seu zelador e pai de santo são os mais indicados para dizer a um filho qual é a melhor escolha. Eles sabem quem são seus Orixás e guias – e isto é muito importante, pois, será a energia deles que reagirá junto com as ervas, o que fará parte do processo.

Vamos colocar aqui, porém, banhos mais “genéricos”, como exemplos e sugestão.

I – Banho de Descarrego com 3 Ervas

Ingredientes:

7 folhas-da-costa

7 folhas da fortuna

7 folhas de manjeriço

Um punhado de sal grosso

Água fria para quinar o banho

Esse banho deve ser feito numa sexta-feira, num sábado ou domingo e repetido por três semanas seguidas. Ele nunca deve ser feito numa terça ou segunda-feira. Para realizá-lo, basta quinar as folhas na água fria, tomar banho normalmente e, depois, jogar a mistura do pescoço para baixo ou, com a ajuda de alguém mais experiente e equilibrado, também na cabeça (preferencialmente, peça ao seu mentor ou zelador que o ajude). As ervas que caírem no chão devem ser recolhidas e despachadas num jardim ou num vaso de planta. O líquido deve secar no corpo.

II – Banho de Água de Coco

Ingredientes:

3 cocos médios

Numa sexta-feira, após o banho normal, derrame sobre sua cabeça, sem deixar molhar o resto do corpo, a água de um coco médio. Repita por três sextas-feiras. Esse banho serve para acalmar pessoas nervosas, dar clareza ao pensamento e ajudar com ansiedade e outros males, como o estresse.

b) Banhos de Defesa

Esse banho serve, como dizem os antigos, para “fechar o corpo”, impedindo que se contamine com energias nocivas. Ele tem as mais diversas utilidades: desde seu uso no dia a dia porque o ambiente de trabalho é pesado e competitivo, até quando vamos a um lugar que não conhecemos (um outro Terreiro, um local onde fazer uma oferenda, a casa de uma pessoa que ainda não sabemos direito como é etc.) para evitar que nosso corpo se “contamine” com energias indesejadas.

Podemos nos valer dele para praticamente todo tipo de médium, pois todos, em certas horas, temos de nos defender de energias que possam nos fazer mal. No entanto, esses banhos podem ser usados para se fortalecer e se defender, em especial, para aqueles que estão começando e ainda não sabem como bloquear as influências exteriores por meio de sua própria firmeza e energia.

A seguir, têm-se duas receitas de banhos de defesa bastante genéricos. (Novamente, o melhor banho é aquele indicado por alguém que conhece seus Orixás e Guias e sabe exatamente que tipo de energia o fortalecerá.)

I – Banho de Defesa

Ingredientes:

21 cravos-da-índia

7 paus de canela

3 folhas de louro

Ferva 2 litros de água e coloque os ingredientes, desligue o fogo e abafe. Jogue do pescoço para baixo, recolha os ingredientes e jogue-os em água corrente. O banho deve estar frio ou pelo menos morno.

II – Banho de Limpeza e Defesa

Ingredientes:

3 galhos de guiné

3 galhos de alecrim

1 espada-de-são-jorge partida em três⁶

6 Retire a ponta, a raiz e o veio fibroso lateral.

3 folhas de louro
3 galhos de arruda
3 punhados de alfazema
3 punhados de levante

Ferver em água suficiente, jogar as ervas, desligar o fogo e abafar. Tomar o banho morno do pescoço para baixo – este banho *não deve* ser jogado na cabeça em hipótese alguma. Recolher os ingredientes e despachar em água corrente.

c) Banho de Energização

O Banho de Energização serve a diversos fins. Tanto pode ser usado após um Banho de Descarrego para reequilibrar e recalibrar as energias, como para impregnar o indivíduo da energia que lhe falta, sem necessariamente ter de descarregar as demais.

Pensemos no caso de uma pessoa que procura emprego, mas não encontra ânimo para fazê-lo ou, de alguma forma, sua energia não vibra nesse sentido. O Banho de Energização certo pode não só despertar essa vontade, dar ânimo ao indivíduo, como impregnar tudo à sua volta, fazendo com que quem estiver a seu redor se sinta também compelido a lhe dar uma oportunidade ou sinta em seu semblante a confiança.

Seguem algumas receitas de banhos desse tipo para os mais diversos fins.

I – Banho para Conseguir Trabalho

Ingredientes:

7 folhas da costa
7 folhas de manjeriço
7 folhas de cana-do-brejo
Um cálice de vinho branco doce
2 litros de água pura

Esta receita, tenho de dizer, foi uma Preta-Velha a qual amo muito que ensinou (obrigada, vovó Cambinda). E posso falar, pessoalmente, que funciona mesmo – ela já foi usada por meu marido e meu pai, e deu certo em ambos os casos.

Na noite anterior à procura por trabalho, despeje numa bacia os dois litros de água e coloque as folhas. Quine tudo até que não sobrem pedaços grandes das folhas e a água fique completamente turva e verde-escura. Por fim, ao levantar na manhã seguinte, pise primeiro com o pé direito ao sair da cama, três vezes. Então, tome banho normalmente, e, ao fim, derrame a mistura da cabeça aos pés – sim, da cabeça. Embora não seja recomendável derramar na cabeça qualquer banho feito por você mesmo, ainda mais quando contiver álcool, pois agita a energia e a torna forte demais, o que nem sempre é bom para a cabeça; esta é justamente a intenção desse banho. A agitação literalmente “sacode” a poeira impregnada que faz a sua vida profissional não caminhar.

II – Banho de Chocolate – um banho para sentir-se bem consigo mesma e atrair amor (o próprio e o dos outros)

Antes de falar sobre os ingredientes deste banho, devo dizer que ele é, prioritariamente, dedicado às mulheres, pois, com as cobranças sociais de sermos magras, perfeitas, lindas, com o cabelo “certo”, a roupa “certa” e tudo mais, às vezes é difícil gostar de si mesma, quanto mais gostar e atrair a atenção dos outros. Este não é um banho próprio da Umbanda, mas foi uma receita ensinada por uma grande amiga, uma bruxinha meio sapeca, há muito tempo. (Obrigada, Fiona!)

Ingredientes:

- 2 litros de leite natural (evite o de caixinha)
- 2 barrinhas do chocolate de sua preferência
- 3 colheres de chá de mel
- 3 colheres de café de baunilha
- 3 colheres de café de canela em pó
- 3 gotas ou borrifadas de seu perfume favorito
- 7 pétalas de rosa vermelha
- 7 pétalas de rosa cor-de-rosa
- 7 pétalas de rosa amarela

Faça dois litros de chocolate derretido no leite bem forte. Acrescente mel, baunilha, canela e algumas gotas de seu perfume preferido, as pétalas de rosa vermelha, as pétalas de rosa cor-de-rosa e as pétalas de

rosas amarelas. Não ferva as flores. Antes de colocar os ingredientes no chocolate, tire um copinho e tome, mentalizando seus desejos. Coe os resíduos e deixe-os na praia ou perto de uma árvore frondosa.

Ao cair da noite, jogue o preparado do pescoço para baixo. Se quiser realizar o banho numa banheira, pode-se também passá-lo no rosto (a pele fica uma seda), mas nunca no alto da cabeça.

Este banho trabalha o estímulo físico como um modo de criar a energia necessária para o espírito equilibrar-se e sentir-se melhor. A sensação que o chocolate deixa sobre a pele mostra a beleza do corpo, trata a pele e faz o próprio corpo se reenergizar.

III – Banho de Energização para a Prosperidade

- 1 punhado de pétalas de girassol
- 1 punhado de erva-doce em folhas
- Folhas de cânfora
- Sândalo
- 2 litros de água

Este é um banho cigano. Ele serve para energizar e trazer prosperidade. Basta ferver dois litros de água, ao entrar em ebulição desligue o fogo, coloque os ingredientes e tampe. O banho é para ser tomado frio ou morno, antes do cair da noite.

IV – Banho de Energia

Ingredientes:

- 3 frutinhas de guaraná maceradas
- 3 pedaços de gengibre
- 3 pauzinhos de canela
- 3 litros de água

Ponha o guaraná, o gengibre e a canela na água fervendo. Deixe em infusão, apague o fogo e deixe esfriar. Depois, tome um banho do pescoço para baixo, com o preparado ainda quente (cuidado para não se queimar, espere esfriar até estar suportável pela pele).

Sacudimentos

O sacudimento é uma das formas de descarrego mais comuns e utilizadas na Umbanda. Ele pode ser realizado pelo médium, ou por uma Entidade (não Orixá), desde que as energias de quem o realiza estejam em equilíbrio. Ele visa afastar os maus espíritos e as más influências de um lugar ou de uma pessoa, por vários meios que discutiremos a seguir.

Um primeiro caso refere-se ao sacudimento aplicado a um lugar ou uma casa impregnada por maus espíritos, influências e energias em excesso e negativas que prejudicam quem a habita ou passa por ali. O sacudimento é feito ao passar e bater folhas diversas pelos cantos de residências, locais de trabalho e sobre as próprias pessoas. Ele pode ou não ser aliado à defumação, dependendo da necessidade.

Os sacudimentos mais complexos assemelham-se aos ebós do Candomblé, em que se procura tirar toda a energia negativa de uma pessoa passando pelo seu corpo vários tipos de plantas, até mesmo pedaços de carne e/ou vísceras de animais, cuidando-se para que os restos, sejam isolados do contato com toda e qualquer pessoa, muitas vezes colocando-os dentro de um buraco que é tapado em seguida (dando-se de comer à Mãe-Terra).

Quando utilizamos plantas, o fazemos com ervas que ao anular a energia negativa de um lugar, preenchem o vácuo que resta com energia equilibrada/neutra ou positiva, isso ocorre tanto em pessoas quanto em ambientes. Ao nos valermos do uso de alimentos como vegetais e cereais (arroz, feijão, milho branco ou amarelo, pipoca, pão e massas provenientes de farinhas e derivados), a intenção também é atrair energias em excesso, usando o poder dos alimentos de transmutá-las e anulá-las. Para que o processo dê resultado, nenhuma comida utilizada num sacudimento pode servir de alimento. Ela deve, pelo contrário, ser devolvida à terra ou despachada em água corrente, conforme a necessidade.

Da mesma forma, podemos fazer sacudimentos com sal grosso, carvão vegetal, bifes, fígado e outras vísceras de animais, pois esses elementos atraem as energias que tornam os ambientes e as pessoas pesados. No caso das carnes e vísceras, quanto mais frescos, melhor.

Há, ainda, em último caso, quando há extrema necessidade, um tipo de sacudimento realizado com “tudo quanto come a boca”.

Este deve ser manipulado com muita responsabilidade, pois, de uma maneira ou de outra, trará grandes responsabilidades e fará grandes

mudanças de energia. Em geral, só se apela a esse tipo de sacudimento se houver perigo de morte, doença e se as energias que cercam a pessoa negativamente estão cada vez mais fortes e intensas.

Ebós & Oferendas

Um ebó é um ritual de base africana, criado para reequilibrar os aspectos da vida de um indivíduo. Há vários aspectos que devem permanecer em equilíbrio para termos uma boa vida: saúde, amor, prosperidade, vida profissional, família etc. Nesse caso, quando há um grande desequilíbrio em qualquer um deles, realiza-se um ritual para que as energias daquele ser ou daquelas pessoas sejam realinhadas com as dos Orixás e dos aspectos da vida regidos por cada um deles. Para saber como fazer um ebó, é preciso consultar os búzios, e sua composição pode variar muito, pois um ebó é um ritual muito específico para cada momento da pessoa, para os Orixás que a regem, aos Orixás que regem a situação na qual ela se encontra etc. Por tamanha especificidade é a Umbanda de Nação que, em geral, se vale dele, dada sua maior ligação com o jogo de búzios e a cultura africana. Este é também um dos princípios do Candomblé, que se baseia no ebó, nas oferendas propiciatórias para obter a redistribuição do axé e manter seu equilíbrio energético.

Oferendas, por sua vez, são presentes de agradecimento aos Orixás, como uma forma de culto ou um pedido por interferência em dada situação – esta última prática, derivada dos costumes católicos que se fundiram às religiões afro-brasileiras com o passar do tempo. Cada Orixá tem suas próprias vontades e aquilo que mais o agrada. Esses aspectos já foram discutidos no livro anterior.

Ao realizar um ebó ou oferenda, alguns aspectos são essenciais: você só deve utilizar louças e materiais novos (“virgens”) e nunca deve substituir algo que tenha sido pedido; use somente o que a receita dita e não acrescente nada. Por último, é necessário, além da fé, ter em mente o propósito a que ebó é realizado.

E não se esqueça de que você nunca deve fazer um ebó ou oferenda para desejar o mal de alguém, pois um pensamento negativo atrai para si a má vibração. Assim, sempre que tiver o seu desejo realizado, lembre-se de agradecer, afinal, um *muito obrigado* deixa até os deuses mais felizes.

Para encerrar este capítulo, devemos observar que tivemos aqui apenas uma prévia do que há realmente para entender desta religião. Seus aspectos são muito mais profundos e muito mais amplos do que aparentam, e este guia se propõe a elucidá-los de uma maneira mais genérica. Embora haja cursos e aulas que ensinam muitas das ditas “práticas de Umbanda”, você não aprende muito sem fazer parte de uma Casa, sem estar dentro da religião, ouvir os mais velhos e buscar o contato com seus ancestrais.

É de suma importância reconhecer que quando você entra para uma Casa ou Terreiro, embora aquele compromisso não tenha de ser para toda a vida, você assume um compromisso ético e moral importante: o de honrar, acima de tudo, com seus votos e com a sua palavra. É necessário entender que cada Casa tem seus ritos, particularidades e regras. Nem todo processo de adaptação é fácil, mas se você percebe que aquele é seu caminho, siga-o e encontrará sua felicidade. Faça os Amacis e realize seu Batismo com fé, convicção e consciência. Faça ebós, banhos e trabalhos com fé, e sentirá a religião como nunca.

E acima de tudo, entenda que a Umbanda também é perseverança, não apenas uma religião que lhe oferece uma solução mais fácil para seus problemas. Mesmo que não concorde com seu dirigente em alguns pontos, não se apresse em julgá-lo, pois da mesma forma como você julga, também poderá ser julgado. Não adianta viver mudando de Casa, sem parar em canto algum ou procurando todas as festas e giras para diversão, sem assumir uma responsabilidade.

Estar na Umbanda é uma questão de escolha, pois todos nós temos o livre-arbítrio para decidir onde ficaremos, como e por quê. Isso também vale para tudo que fazemos. Por isso, antes de decidir fazer um banho que seja, se em algum momento a ideia de prejudicar alguém passar pela sua cabeça, lembre-se de que tudo que vem fácil vai fácil, e se você tem algum poder, sempre tem quem tenha poder maior.

PARTE 2

ENTIDADES BRASILEIRAS

ENTIDADES BRASILEIRAS

*Ninguém ouviu um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo e de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz, de paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar, canta de dor
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor
Clara Nunes – Canto das Três Raças*

HERANÇA ANCESTRAL

Quando da chegada dos portugueses e de outros tantos exploradores dos mares no Brasil, não foi difícil constatar que estas terras já tinham outros donos. Eles foram chamados de índios, pois se acreditava que aqui era as Índias.

Esse foi o primeiro momento em que deixamos de reconhecer nossas raízes: o momento exato em que os tupis, tupinambás, tamoios, guaranis, entre tantos outros, passaram a ser todos índios, selvagens, almas perdidas a serem salvas pelo cristianismo português.

A força dessas raízes, entretanto, não deixou que a ancestralidade morresse com a transculturação a que esses povos, que viviam no território nacional, foram submetidos. É justamente dessas Entidades – os espíritos dos índios que aqui habitavam – e de mestiços de índios com brancos e negros que nasceu a brasilidade, que hoje vemos incorporada nos Terreiros de Umbanda

na forma dos Caboclos, Boiadeiros, Marinheiros e Entidades regionais (principalmente baianos, mas também mineiros, gaúchos e outros).

MONOTEÍSMO DOS ÍNDIOS

Embora o europeu visse os índios como portadores de uma alma não cristianizada que precisava ser salva por meio da catequese, ao contrário do que a maioria pensa, os índios brasileiros trabalhavam sua realidade por meio de uma cosmogonia cujo panteão tinha uma fonte criadora universal, que podia ser caracterizada como um Deus único e superior.

Falamos isso porque hoje em dia algumas Casas de Umbanda, com fortes raízes indígenas, trabalham com essa cosmogonia como centralizadora. Isto é, não se fala em Zambi, Oxalá, Olorum ou Jesus Cristo, mas, sim, em *Tupã* e *Nbanderuvuçu*. Muitos Caboclos, por exemplo, ao abençoarem alguém, falam de Tupã, que poderia ser sincretizado com Jesus Cristo.

CABOCLOS

*Estava na mata caçando
Quando ouvi Oxóssi bradar
Seu brado me dizia
Que Junco Verde vinha trabalhar
A estrela de Oxalá ilumina
Iluminando Junco Verde no congá
Ponto de Chegada, Caboclo Junco Verde*

OS PRIMEIROS BRASILEIROS¹

Os Caboclos, na Umbanda, são Entidades que se apresentam como indígenas e incorporam também no que conhecemos como Candomblé de Caboclo, do qual já falamos no primeiro volume desta coleção.

¹ Todo o trecho sobre os Caboclos foi retirado de artigo da própria autora, publicado em Revista Acadêmica Especializada. Consultar as Referências Bibliográficas.

Originalmente, a palavra Caboclo significa mestiço de branco com índio, mas, na percepção umbandista, se refere a todos os indígenas que em épocas mais antigas habitaram a América.

Há, portanto, alguns espíritos que, em suas encarnações passadas, viveram em outros países, mas que, ao adaptarem-se à língua falada aqui, por meio do corpo e do aprendizado do médium, e identificarem-se espiritualmente com a vibração dos Caboclos (a exemplo, índios americanos, astecas, maias, incas e outros), acabaram por fazer parte da Umbanda sob essa denominação.

Na Umbanda, os Caboclos constituem a falange mais elevada e, como tal, podem se movimentar entre as demais falanges. Entretanto, cada um deles tem uma vibração original, que pode ser ou não aquela em que ele atua. Como exemplo, pode-se citar o Caboclo Sete Encruzilhadas e sua linha. Originalmente, quem lida com encruzilhadas é Exu, mas essa Entidade chegou a um tal ponto de evolução que passou a ser reconhecida como um Caboclo, e nomeado como tal.

Antigamente, existia a concepção de que todo Caboclo seria um servo de Oxóssi, ou seja, viria sob a vibração desse Orixá. Contudo, é necessário compreender que Caboclos diferentes possuem Vibrações Originais Diferentes, e podem se apresentar sob a Vibração de Ogum, de Xangô, de Oxóssi ou Omulu e até mesmo Oxalá – estes, em geral, são Caboclos muito evoluídos, que já serviram a outros Orixás e estão em suas últimas instâncias evolutivas, caso não estejam cuidando de seus últimos filhos na Terra para, finalmente, passar a uma etapa diferente da evolução, no plano astral. Já as Caboclas podem se apresentar sob as Vibrações de Iemanjá, de Oxum, de Iansã ou de Naná.

Não há necessidade da Vibração do Caboclo-Guia coincidir com a do Orixá regente da cabeça do médium: o Guia pode ser, por exemplo, de Ogum e atuar num filho de Oxóssi. Isso porque, em geral, são sete Orixás que regem a cabeça de cada pessoa, e é a combinação deles que faz com que sejamos o que somos. Em geral, cultuamos com mais força apenas o pai, a mãe e o junto, acrescentando a isso, em alguns casos, no máximo, o Exu Orixá, Elegbara ou Eleguá, no caso de quem pertence a uma Casa de Nação.

Embora existam diferenças entre os nomes encontrados por diferentes pesquisadores para as Entidades, com relação a suas Vibrações Originais, apresentamos a seguir uma relação que nos parece a mais próxima da realidade.

- **Alguns Caboclos de Ogum:** Águia Branca, Águia Dourada, Águia Solitária, Arariboia, Beira-Mar, Caboclo da Mata, Icaraí, Caiçaras Guaraci, Ipojucan, Itapoá, Jaguaré, Rompe-mato, Rompe-Nuvem, Sete Matas, Sete Ondas, Tamoio, Tabajara, Tupuruplata, Ubirajara, Rompe-Ferro, Rompe-Aço.
- **Alguns Caboclos de Xangô:** Araúna, Cajá, Caramuru, Cobra Coral, Caboclo do Sol, Girassol, Guaraná, Guará, Goitacaz, Jupará, Janguar, Rompe-Serra, Sete Caminhos, Sete Cachoeiras, Sete Montanhas, Sete Estrelas, Sete Luas, Tupi, Treme-Terra, Sultão das Matas, Cachoeirinha, Mirim, Urubatão da Guia, Urubatão, Ubiratan, Cholapur.
- **Alguns Caboclos de Oxóssi:** Caboclo da Lua, Arruda, Aimoré, Boia-deiro, Ubá, Caçador, Arapuí, Japiassu, Junco Verde, Javari, Mata Virgem, Pena Branca, Pena Dourada, Pena Verde, Pena Azul, Rompe-Folha, Rei da Mata, Guarani, Sete Flechas, Flecheiro, Folha Verde, Tupinambá, Tupaíba, Tupiara, Tapuia, Serra Azul, Paraguassu, Sete Encruzilhadas.
- **Alguns Caboclos de Omulu:** Arranca-Toco, Acuré, Aimbiré, Bugre, Guiné, Gira-Mundo, Iucatan, Jupuri, Uiratan, Alho-d'Água, Pedra Branca, Pedra Preta, Laçador, Roxo, Grajaúna, Bacuí, Piraí, Suri, Serra Verde, Serra Negra, Tira-Teima, Seta-Águias, Tibiriçá, Vira-Mundo, Ventania.
- **Algumas Caboclas de Iansá:** Bartira, Jussara, Jurema, Japotira, Maíra, Ivotice, Valquíria, Raio de Luz, Palina, Poti, Talina, Potira
- **Algumas Caboclas de Iemanjá:** Diloé, Cabocla da Praia, Estrela d'Alva, Guaraciaba, Janaína, Jandira, Jacira, Jaci, Sete Ondas, Sol Nascente.
- **Algumas Caboclas de Oxum:** Iracema, Imaiá Jaceguaia, Jurue-ma, Juruena, Jupira, Jandaia, Araguaia, Estrela da Manhã, Tunué, Mirini, Suê.
- **Algumas Caboclas de Nanã:** Assucena, Inaíra, Juçaná, Janira, Juraci, Jutira, Luana, Muiraquitán, Sumarajé, Xista, Paraguassu.

Há, também, os Caboclinhos da Ibejada, espíritos de índios ainda crianças que desencarnaram ou preferem se apresentar em forma infantil.

Também é necessário fazer algumas observações sobre os Caboclos de Oxalá. São Caboclos muito evoluídos, e por isso mesmo raramente vêm à Terra, atuando com mais força no plano astral e, em geral, trabalham mais com passes e energizações. Sua incorporação é breve e geralmente fixa a um

único lugar, evitando grandes movimentos. Incorporado, ou mesmo no plano espiritual, sua principal função é dirigir e instruir os demais Caboclos.

Ao lado dos Pretos-Velhos e ciganos do Oriente (diferentes dos Exus que se apresentam como ciganos), os Caboclos são as únicas Entidades capazes de se apresentar como mentores de um médium e, assim, são as únicas que podem responder diretamente aos Orixás que regem aquela pessoa, sem desequilibrar a vida material e os costumes daquele indivíduo.

Existem casos em que outros tipos de Entidades assumem esse posto por motivos diversos, que vão desde um aprendizado necessário de evolução espiritual entre o médium e o espírito, a delimitações para que a Entidade instrua e ensine o médium de maneira que a outra não faria. Toda regra tem sua exceção, e embora o mais comum seja que o mentor-guia pertença às linhas que citamos, caso haja uma manifestação extraordinária, não se deve interferir no sentido de tentar mudar o Guia daquela pessoa.

Mais que isso, eles conhecem todos os frutos da Terra, do ar, da água e do fogo e os efeitos de cada um. E esse conhecimento é transferido para seus atendimentos, por meio de receitas, conselhos, banhos e chás, que ajudam em curas físicas e espirituais.

Como numa tribo, há uma hierarquia entre os Caboclos. Há os guerreiros, os curandeiros e pajés e os caciques. De seu profundo contato com a natureza, provém uma grande experiência no uso de ervas, flores e frutos medicinais; conhecem também, profundamente, todo tipo de folha litúrgica e sagrada. Ao atenderem na Umbanda, fazem-no entre falanges de caçadores, guerreiros, feiticeiros e justiceiros, cada qual, como seria numa tribo, com sua função e sua missão, que o Orixá lhe atribuiu. Por isso, sempre trabalham em uma missão, para vencer mais uma demanda, para ajudar mais um filho que se desviou do caminho.

Os Caboclos, em geral, não são muito falantes, mas são de muita ação, bastante pensativos, o que os tornam conselheiros muito responsáveis. Eles são a força da Umbanda, grandes mestres e orientadores nas sessões de desenvolvimento mediúnico, de curas (por meio de ervas e simpatias) e de desobsessões², para solucionar e tratar problemas psíquicos e materiais,

2 Desobsessão: refere-se ao tratamento de pessoas que estejam recebendo interferência prejudicial de Espíritos.

demandas espirituais e uma série de outros serviços e atividades executados nas tendas.

Quando incorporados, os Caboclos fumam charutos ou cigarrilhas e, em algumas Casas, costumam usar durante as giras, penachos, arco e flecha e lanças, assim como faziam quando eram índios ainda vivos. Falam de maneira rústica, que lembra sua forma natural de ser, mostrando, assim, por meio de danças, muita beleza específica da linha. Seus “brados” fazem parte de uma linguagem comum e que é própria a cada um deles, e seus cumprimentos e despedidas são realizados com esses sons. Suas origens também podem nos dizer muito sobre eles: os que são Caboclos da Mata viveram mais próximos da civilização ou tiveram algum contato com ela; já os chamados Caboclos da Mata Virgem viveram mais isolados, com maior e mais profundo contato com a natureza e se tornaram um pouco arredios à civilização.

COMIDAS & OFERENDAS DE CABOCLO

Os Caboclos moram na mata, no mesmo lugar em que preferem receber suas oferendas, enfeitadas com fitas de suas cores: verde-escuro para os Caboclos e verde-claro para as Caboclas. Seu dia é a quinta-feira, que é sempre o melhor dia para entregar-lhes oferendas. Para os Caboclos, são feitas muitas festas durante o ano, de acordo com a comemoração dos deuses indígenas em geral, variando de Casa para Casa, quando são entregues as principais oferendas e são feitos os agradecimentos.

Eles gostam de todas as frutas, de milho cozido, do vinho tinto moscatel, gostam de tomar o sumo de ervas e apreciam o coco com vinho e mel, além do aluá. No entanto, há outros pratos que os Caboclos apreciam muito e também lhes podem ser servidos.

Abóbora com Camarão Seco

- 1 Abóbora (não a de fazer doce)
- 250 g de camarão seco
- 1 cebola média ralada
- 1 dente de alho
- 1 punhado de coentro
- 3 tomates sem pele e sem sementes
- 1 toicinho de 200 g

- 2 colheres de sopa de azeite de dendê
- 3 ovos

Cozinha-se a abóbora, em pouquíssima água, com bastante camarão seco batido no pano, cebola, um dente de alho esmagado, coentro e tomate. Quando o cozido estiver quase seco, rega-se com toicinho frito em azeite de dendê, mexendo sempre até ficar como uma fritura. Então, mistura-se com os ovos batidos, até formar uma massa uniforme.

Canjica de Milho Verde

- 25 espigas de milho verde ralado
- 2 vidrinhos de leite de coco
- 2 copos de água quente
- 1 colher de sobremesa rasa de sal
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1 copo de leite

Escolha 25 espigas de milho verde e rale. O milho também pode ser triturado em pedra de mó ou no pilão. Pode até ser passado na máquina de moer, evidentemente, depois de debulhado. Para aproveitá-lo bem, despeje uma xícara de água no ralador, a fim de retirar toda a polpa. Misture à massa de milho o leite de coco com água, passando em peneira fina. Junte o sal e o açúcar a gosto. Então, junte o leite puro e deixe cozinhar mais um pouco. Pode ser servido ralo ou no ponto, mas da segunda forma é melhor (dá pra saber o ponto pingando a canjica numa vasilha de água fria. Se empastar, está boa; se dissolver, está crua). A canjica benfeita é vidrada e treme na faca quando cortada, depois de fria. Serve-se com canela. Quando fica com aspecto de geleia é porque o milho estava verde. Se rachar, não ficar compacta, é porque levou muito coco.

37 PONTOS DE CABOCLO

*Chefe dos índios chama os índios na aldeia,
Na aldeia, Caboclo, na aldeia.
Aqui nessa aldeia,
Tem um Caboclo que é leal.*

*Ele não mora longe,
Mora aqui mesmo nesse cazuá.*

*

*Capitão das matas quem mandou chamar,
Pra ver as forças que a Jurema tem,
Oh Jurema, oh Jurema,
É uma Cabocla que só veste penas.*

*

*Chama os Caboclos na mata,
Que é pra trabalhar,
Se a mata é muito alta,
Caboclo vai derrubar.*

*

*Oxalá chamou e já mandou buscar,
Os Caboclos da Jurema,
Lá no Jurema,
Mandai, mandai,
Minha Cabocla Jurema,
Os seus guerreiros.
Essa é a ordem suprema.*

*Pai Oxalá,
É o rei do mundo inteiro
E já deu ordem pra Jurema
Mandar seus capangueiros.*

*

*Mandai, mandai,
Linda Cabocla de penas,*

*Os seus guerreiros.
Essa é a ordem suprema.*

*

*Caboclo da mata virgem,
Da mata serrada lá do Jurema.
Quem manda na mata é Oxóssi,
Quem manda no céu é Oxalá.
Oh, oh okê Caboclo,
Quero ver girar,
Quero ver Caboclo de Umbanda girar.*

*

Trabalho

*Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caminha por cima da folha,
Por baixo da folha,
Em todo lugar.*

*

*Caboclo _____ é minha luz,
É o meu Guia. Ele é Oxóssi,
É filho da Virgem Maria.
Com a sua luz ilumina o escuro,
Todos os filhos do Terreiro estão seguros.*

*

*Foi numa tarde serena,
Lá nas matas da Jurema,
Que eu vi um Caboclo bradar,
Quio, quio, quio que era,*

*Sua mata está em festa,
Saraáa seu _____,
Que ele é o rei da floresta.*

*

*Seu _____ é um Caboclo das matas,
Ele tem uma cabana lá no Jurema,
Ele oriê, ele é oriá.
Ele usa saiote de penas,
E leva a sua flecha quando vai caçar,
Ele oriê, ele é oriá.*

*

*Lá na Jurema, Lá na Jurema,
Ele o seu _____,
Ele é o dono do seu cazuá.
Viva a estrela e o sol,
Viva o Jurema,
Viva seu Oxóssi,
Que é dono desse congá.*

*

*Vestimenta de Caboclo é samambaia, é samambaia, é samambaia,
Comida de Caboclo é abóbora com jiló,
Vestimenta de Caboclo é samambaia só.*

*

*Ele é filho de Umbanda,
Ele vem lá do Oriente,
Salve o Caboclo da Lua,
Salve Deus onipotente.
Salve o Caboclo da Lua,*

*Que é fé e proteção.
Salve o Caboclo da lua,
Ele é Oxóssi, é São Sebastião.*

*

*Ele veio de tão longe,
Para saravá o congá,
Bendito, louvado seja, ele é o rei Tupanaíá,
Oi, bate bumbo lá na aldeia, ê, ê, à.*

*

*Mas como é bonita,
A pisada de Caboclo,
Pisa na areia, no rastro dos outros,
Salve a mãe Sereia, salve Iemanjá,
Salve os Caboclos, da beira do mar.*

*

*É bonito a gente ver mata seca florescer,
É bonito a gente olhar os Caboclos trabalhar.
Sete reais, sete caroás,
Sete rainhas do mar,
É bonito a gente olhar os Caboclos trabalhar.*

*

*Caboclo roxo da pele morena,
Ele é Oxóssi,
É caçador lá da Jurema.
Ele jurou e tornou a jurar
Que ouvira os conselhos que a Jurema lhe dá.*

*

*Caboclo Saracutinga bebe água no coité,
Atira flecha pra cima pra pegar o que não quer.
Ele é Caboclo, ele é flecheiro,
Vamos saravar Saracutinga no Terreiro.*

*

*No meio da samambaia,
Perto de um pé de ipê,
Eu vi um Caboclo atirando,
Ele atirava sem ninguém ver.
Zuou, zuou, a sua flecha zuou.*

*

*Sindôlele, auê cauiza,
Sindôlele, auê cauiza,
Sindôlele ele é sangue real,
Se ele é filho,
Eu sou neto de aruanda...*

*

*Cobra Coral, onde é que o senhor mora,
Cobra Coral onde é sua morada.
Eu não posso lhe dizer,
Porque você num vai me compreender,
Eu moro no Jurema,
Minha morada é bem pertinho de Oxalá.*

*

*A coral é sua cinta,
A jiboia é sua lança,
Que zua, que zua é,
Caboclo mora nas matas.*

*

*Tem caçador na beira do caminho,
Oi não me mate essa coral na estrada,
Pois ela abandonou sua choupana, caçador...
Foi no romper da madrugada.*

*

*Fui apanhar cipó,
Com raiz de jiló,
Com seu Juremeira.
Achei uma choupana na mata,
E ele disse pra não entrar:
Não vá.
Essa choupana é...
Do seu Tupinambá.*

*

*No meio da mata virgem,
Eu avistei um clarão,
Era festa de Caboclo,
Iluminando a escuridão.
Chefiados por Oxóssi,
Irradiavam proteção,
Quem por ali passava, logo se aliava,
Sr Oxóssi mandava seus Caboclos girar.
Giram, giram, meus Caboclos,
Giram, giram sem parar,
Vão espalhando a caridade
Aos filhos que choram de dor... ô ô ô.*

*

*A Lua vai sumindo
e vem rompendo a aurora,*

*Clareia a mata virgem,
onde Oxóssi mora.
Olha como clareou, olha como clareou,
É uma choupana,
Onde Oxóssi mora.*

*

*Oxóssi é rei, Oxóssi é rei,
Oxóssi é rei na mata virgem,
Oxóssi é rei.
Oxóssi é rei, é o bamba do caçundé.
Cavaleiro da marambaia,
Meu arqueiro é o senhor de Odé.*

*

Caboclas

*Que lindo capacete de penas tem a Cabocla Jurema,
É dela e quem lhe deu foi Oxalá,
Jurema, filha de Tupinambá,
É a Cabocla das matas,
Ere rere, rea.*

*

*Oi juremê, oi Jurema,
Sua flecha caiu serena, Jurema,
Dentro desse congá,
Salve São Jorge Guerreiro, salve São Sebastião,
Saravá a mãe Jurema,
Quem nos deu a proteção.*

*

Meu Coutinho se perdeu lá nas matas,

*A Jurema apanhou e acabou de criar.
E rere ê, E rere á,
Eu sou filho da Jurema, neto da Cobra Coral.*

*

*No centro da mata virgem,
Uma linda Cabocla eu vi,
Com seu saiote feito de penas,
Era Jurema, filha de Tupi.
Jurema, Jurema, Jurema,
Ela é Cabocla da Lei suprema.*

*

Iara

*Iara, deusa dos rios,
Das águas do mangerá,
Iara, deusa sagrada,
Flecheira de Oxalá.
Nas matas que ela domina,
Não deixa filhos tombar.
Oh Jureme rere, rere re
Oh Juremá, rere, rere rá.
Oxun lá nas cachoeiras,
Nas águas de Oxalá,
Cabocla na juremeira,
Sereia em alto mar.*

*

Subida

*O seu ponto é bem seguro,
É duro de bambear,
Os Caboclos vão embora,*

*Na fé de Pai Oxalá.
Oh eles vão girar, oh eles vão girar,
Saudando Oxóssi, meu Pai Oxalá.*

*

*Quando você voltar, meu Caboclo,
Venha pra me ajudar,
Vai, vai, vai, meu Caboclo,
Vai numa gira só.*

*

*Sua mata é longe,
Eles vão embora,
E vão beirando o rio azul,
Adeus Umbanda,
Que os Caboclos vão embora.
E vão beirando o rio azul.*

*

*Lá vai Caboclo,
Deus lhe dê boa viagem,
Nossa Senhora te leve,
Na primeira carruagem.*

*

*Quando atabaca soa,
Filhos de Umbanda choram,
Quando atabaca soa,
Filhos de Umbanda choram,
Adeus, adeus meu Pai,
_____ vai embora.*

BOIADEIROS

Toque o berrante, Boiadeiro
Toque o berrante
Toque o berrante pra anunciar sua chegada
São os Boiadeiros que vêm lá de Aruanda
Pra trabalhar nesta tenda de Umbanda
Ponto de Boiadeiro

BOIADEIROS

Os Boiadeiros são, em geral, os melhores representantes do peão, do homem do campo que se dedica à lavoura e à pecuária. Em geral, uma grande parte dos Boiadeiros vem das grandes fazendas do Norte e Nordeste de outrora, o tempo da fartura e das criações de grandes pastos. Eles cantam canções antigas, que remetem a uma vida mais simples e ao trabalho, ensinando-nos a força que eles têm. Sua principal lição é de que a maior das magias e o maior dos milagres são feitos com a força de vontade de cada um.

No terreiro, os Boiadeiros vêm “descendo em seus filhos” como se lacassem seu gado, dançando, bradando, enfim, criando seu ambiente de trabalho e vibração. Com seus chicotes e laços, quebram as energias negativas e descarregam os médiuns, o Terreiro e as pessoas de modo geral.

Os Boiadeiros que vêm em homens dançam com o dorso nu ou somente com coletes de couro. Porém, quando o médium é uma mulher, a Entidade, frequentemente, pede para que seja colocado um pano de cor, bem apertado, que cubra seus seios. Tanto num caso quanto em outro, a Entidade é, por fim, identificada pela maneira de amarrar, pela cor que pede para ser usada etc. Isso sem falar de seus chapéus de boiadeiro, dos laços, jalecos de couro, das calças bombachas e de seus berrantes.

Tudo isso porque são a própria essência miscigenada do povo brasileiro. Muitos vêm também como Entidades regionais, do Sul ou do Norte do país, o que os torna bastante caracterizados e fáceis de reconhecer, segundo a região e o dialeto. Justamente por isso é que sofreram enorme preconceito, pois eram os mestiços, os “sem-raça”, aqueles que não tinham valor e só “serviam” para trabalhar.

Muitas vezes, o Boiadeiro vem “cruzado” com os Caboclos, Entidades com as quais têm maiores afinidades. Este é um fenômeno que fez surgirem os Caboclos-Boiadeiros.

Não é raro alguns Boiadeiros virem nas duas linhas, sem grandes diferenças no comportamento e em suas atividades. Eles se portam de uma maneira bem peculiar, como se tivessem em mãos um laço pronto a prender um novilho ou um boi desgarrado. A dança remete ao peão que corre sobre o cavalo em pastagens longínquas, cuidando de seu rebanho. Os Caboclos-Índios são geralmente mais sisudos, enquanto muitos Boiadeiros são alegres e adoram jogar conversa fora.

Os Boiadeiros também são conhecidos como “Encantados”, pois, segundo algumas lendas, eles não teriam morrido para se espiritualizarem, mas, sim, foram abençoados, encantados e transformados em Entidades especiais.

Os Boiadeiros também apresentam grande diversidade de manifestações: Boiadeiro Menino, Boiadeiro da Campina, Boiadeiro Bugre e muitos outros tipos de Boiadeiros, sendo que alguns até trabalham muito próximos aos Exus.

COMIDAS & OFERENDAS DE BOIADEIRO

O Caboclo-Boiadeiro tem sangue quente e o gingado de quem vive em cima do lombo do cavalo, trazendo e levando o gado, sempre de passagem, aprendendo com a sabedoria do silêncio. Para os Boiadeiros, são duas festas por ano, uma no início, que marca a época das chuvas e o começo da estiagem, e outra quando o gado é abatido, no meio do ano.

Os Boiadeiros são ágeis e rápidos para dançar. E nada como uma boa dança para agradá-los. A quinta-feira é o melhor dia para eles, quando tomam bebidas fortes, como a meladinha (cachaça com mel), ou mesmo a cachaça pura.

A oferenda que mais apreciam é um prato de carne de boi com feijão tropeiro, servido nas festas em sua honra, pois eles gostam de fartura e mesa benfeita. Também se serve ao Boiadeiro abóbora com farofa de torresmo, tudo isso acompanhado de um bom cigarrinho.

Aqui vai uma receita pra agradar ao Boiadeiro:

Farofa de Carne Seca

350 g de carne seca

Azeite de dendê

1 cebola grande picada

1 dente de alho esmagado

2 xícaras (chá) de farinha de mandioca torrada (300 g)

1 maço pequeno de coentro picado

2 pimentas vermelhas picadas

Deixe a carne seca de molho por uma noite. Troque a água e afervente-a por 40 minutos em panela de pressão. Deixe esfriar e desfie a carne. Numa panela de tamanho médio, aqueça o azeite de dendê e doure a cebola. Acrescente o alho e a carne seca, deixando-os por alguns minutos para que a carne absorva bem o sabor dos temperos. Junte a farinha, mexa bem e retire do fogo. Acrescente o coentro e a pimenta, misture e sirva.

6 PONTOS DE BOIADEIRO

*Seu Boiadeiro por aqui choveu
Seu Boiadeiro por aqui choveu
Choveu, choveu
Relampiou
Foi nessa água que seu boi nadou
Mas,
Seu Boiadeiro por aqui choveu
Seu Boiadeiro por aqui choveu
Choveu, choveu
Relampiou
Foi nessa água que seu boi nadou*

*

*Seu Boiadeiro por aqui choveu
Choveu que água rolou
Foi nessa água que seu boi nadou*

*Foi nessa água que seu boi nadou
Seu Boiadeiro cadê sua boiada?
Sua boiada ficou em Belém
Chapéu de couro ficou lá também
Chapéu de couro ficou lá também*

*

*Olha meu camarada
Camarada meu
Olha meu camarada
Camarada meu
Sou Boiadeiro que cheguei aqui agora
Candomblé toca no keto
Mandar tocar angola
(Substitua Boiadeiro por um nome de Orixá – exemplo abaixo)
Olha meu camarada
Camarada meu
Olha meu camarada
Camarada meu
Sou Zé do Laço que cheguei aqui agora
Candomblé toca no keto
Mandar tocar angola*

*

*Chetruê, Chetruá
Corda de laçar meu boi
Chetruê, Chetruá
Corda de meu boi laçar
Chetruê, Chetruá
Corda de laçar meu boi
Chetruê, Chetruá
Corda de meu boi laçar
Seu Boiadeiro
Cadê sua boiada?*

*Mas, Seu Boiadeiro
Cadê sua boiada?
Seu Boiadeiro na Jurema é nosso pai
É nosso camarada
Seu Boiadeiro na Jurema é nosso pai
É nosso camarada*

*

*Chetruê, Chetruá
Minha corda é de laçar
Chetruê, Chetruá
Meu boi fugiu mandei buscar
A minha boiada é de trinta e um
Vieram trinta
está faltando um*

*

*Toque o berrante, Boiadeiro
Toque o berrante
Toque o berrante pra anunciar sua chegada
É o Boiadeiro que vem lá de Aruanda
Pra trabalhar nesta tenda de Umbanda*

MARINHEIROS

*Eu não sou daqui, Eu não tenho amor
Eu sou da Bahia, De São Salvador*

*Ô Marinheiro, ô Marinheiro só
Ô quem te ensinou a nadar?
Ô foi o tombo do navio?
Ô foi balanço do mar?
Lá vem lá vem, Ele vem faceiro
Todo de branco, Com seu bonezinho
Ponto de Marinheiro*

MARUJOS DE OUTRORA

Desde as calmarias até as tempestades, de paz em guerra, de guerra em paz, eles trabalham nas águas e trazem mensagens de esperança e fé para nos motivar a fazer como os grandes conquistadores: desbravar o desconhecido e enfrentar as dificuldades, sejam elas quais forem. Eles não têm o passo firme do homem da terra. Eles têm o gingado de quem se equilibra nas ondas do mar.

No desenvolvimento dos médiuns e em outros trabalhos que possam envolver demandas difíceis, seu trabalho está relacionado com descarregos, consultas e passes. Em muito, eles atuam de maneira similar aos Exus. Eles são todos muito brincalhões e normalmente bebem bastante durante os trabalhos, por isso não é muito frequente evocá-los. Os Marinheiros são muito bons em destruir feitiços, cortar ou anular todo o mal e embaraço que possa estar dentro de um templo ou de uma pessoa.

Suas vestimentas típicas são calças de “rasto” beirando a canela, bonés de marinheiro, camisas e jalecos – em branco, dos marinheiros; e em azul-marinho, dos capitães de barco.

Para presentear um Marinheiro, não se deve nunca dar-lhes algo que venha do mar (conchas, estrelas etc.), e as oferendas devem ser depositadas num lugar seco, sobre a areia e longe da linha da maré. O máximo que eles aceitam são búzios, pois desde os tempos em que os negros embarcavam as riquezas nos costados da África, o búzio é sinal de riqueza, é uma moeda de troca.

Durante a gira, na Umbanda, aqueles que vêm em terra são alegres e descontraídos. Suas consultas são muito diretas, embora sejam as mais sutis dentre todas as Entidades, pois se valem de palavras macias e de delicadeza para fazer o consulente enxergar a verdade.

Enquanto os Marinheiros homens, em geral, foram pescadores ou marinheiros, gente do mar e da lida nas águas em vidas passadas, as mulheres eram aquelas que esperavam por seus maridos à beira do mar, que se prostituíam na zona portuária, ou serviam em bares, juntando-se aos mandros, ciganos e marujos. Seus amores eram passageiros e esporádicos, portanto, se pedir amor a um marinheiro, é isso o que vai conseguir.

Possuem a vida sem certezas de quem mantinha o gingado do tombo no navio sob os pés e a música na cabeça: “*É doce morrer no mar, nas águas verdes do mar...*”

COMIDAS DE MARINHEIRO

Para regalar um marinheiro nada melhor que um prato do mar, como um peixe ou camarão. Damo-lhes os mesmos alimentos que aos Orixás que os regem. Eles tomam boas bebidas, como vinho, vodca e uísque, mas, na falta, não dispensam uma boa cerveja ou uma cachaça que o valha. Fumam charutos, cigarros e cigarrilhas, enquanto contam seus causos e histórias.

Muita pimenta e muito dendê, muita bebida boa, pois marinheiro gosta do que é caro e bom, mas também aprecia a boa cerveja, é sempre um regalo para o casal. Segue uma receita muito apreciada por eles:

Moqueca Mista

1/2 kg de camarão médio

6 lagostas médias

Sal

Pimenta

2 colheres (sopa) de suco de limão

1/2 xícara (chá) de azeite de dendê

2 cebolas raladas

5 tomates aferventados e passados na peneira

1 pimenta vermelha

2 colheres (sopa) de coentro picado

1/2 xícara de chá de leite de coco

Limpe bem o camarão e a lagosta. Tempere com sal, pimenta e suco de limão. Ponha numa panela o azeite de dendê, a cebola, o tomate, o sal e a pimenta vermelha. Junte o camarão e a lagosta e leve ao fogo. Conserve por cerca de 20 minutos. Adicione o coentro picado e o leite de coco e sirva morno.

9 PONTOS DE MARINHEIRO

*Seu Marinheiro
Que vida é a sua
Tomando cachaça
caindo na rua?*

*Eu bebo sim
Eu bebo muito bem
Bebo com meu dinheiro
Não devo nada a ninguém*

*

*Navio Negreiro no fundo do mar
Navio Negreiro no fundo do mar
Correntes pesadas arrastando na areia
A negra escrava se pôs a cantar
A negra escrava se pôs a cantar
Saravá minha Mãe Iemanjá
Saravá minha Mãe Iemanjá
Virou a caçamba pro fundo do mar
Virou a caçamba pro fundo do mar
Quem me salvou foi mãe Iemanjá
Quem me salvou foi mãe Iemanjá*

*

*O Cirandeiro
Cirandeiro ó
O Cirandeiro
Cirandeiro ó
A pedra do seu anel
Brilha mais que ouro em pó
A pedra do seu anel
Brilha mais que ouro em pó*

*

*Seu Martim Pescador
Que vida é a sua?
É bebendo cachaça
Caindo na rua
Eu também sei nadar*

*Eu também sei nadar no mar
Eu também sei nadar
Eu também sei nadar no mar
Eu também sei, também sei, também sei nadar
Eu também sei, também sei, também sei nadar
Na barra vi só dois navios
Perguntando se podia entrar
A barra já está tomada seu marujo
Nessa barra aqui quem manda é Oxalá
A barra já está tomada seu marujo
Nessa barra aqui quem manda é Oxalá*

*

*Chefe dos Marinheiros
Tarimã, Tarimã, Tarimã
Tarimã está no fundo do mar (bis)
Oh gente cadê Sereia
A Sereia está no fundo do mar (bis)
Auê maioral
Virou zigazamba
Lá no fundo do mar*

*

*Oh Marinheiro, Marinheiro, Marinheiro só
Quem te ensinou a nadar, Marinheiro só
Foi o tombo do navio, Marinheiro só
Foi o balanço do mar, Marinheiro só
Lá vem, lá vem Marinheiro só
Ele vem faceiro, Marinheiro só
Todo de branco, Marinheiro só
Com seu bonezinho, Marinheiro só
Eu não sou daqui, Marinheiro só
Eu não tenho amor, Marinheiro só
Eu sou da Bahia, marinheiro só
De São Salvador, marinheiro só*

*

*Quem te ensinou a nadar
Quem te ensinou a nadar
Foi, foi, Marinheiro foram
Os peixinhos do mar*

*

*Que navio é esse
Que chegou agora
É o Navio Negreiro
Com escravos de Angola*

*Marinheiro aguenta o leme
Não deixa a barca virar (bis)
É contra o mar
É contra o vento
É contra o vento
É contra o mar (bis)*

*

PONTO DE SUBIDA DOS MARINHEIROS

*A onda do mar rolou (bis)
Os Marinheiros de Iemanjá
A onda do mar levou*

BAIANOS & OUTRAS ENTIDADES REGIONAIS

*Baiano é um povo bom
Povo trabalhador
Quem mexe com Baiano
Mexe com Nosso Senhor
Ponto de Baiano*

GAÚCHOS, MINEIROS E OUTROS GUIAS

É necessário dizer que a manifestação dessas Entidades está muito mais ligada à ancestralidade do que a qualquer outro fator ou teoria dentro da teologia umbandista. Nesse sentido, essas Entidades atuam, acima de tudo como Guias orientadores aos seus próprios médiuns e àqueles que com eles se relacionam.

Em termos de registro de pesquisa, já foram identificadas Entidades que se apresentam como mineiros, gaúchos, ribeirinhos (típicos de regiões de mangue, como Recife e Olinda), entre outros. Os mais conhecidos, dentre estes, são os Baianos, típicos, em especial, das regiões Sul e Sudeste do Brasil, dos quais falaremos mais adiante.

CABOCLOS DO NORTE

Muitos tradicionalistas desconhecem a figura do Baiano na estrutura da Umbanda, e alguns mais puristas costumam dizer que o Baiano não passa de Exu com outro nome e é Entidade “de São Paulo”, já que suas manifestações são mais correntes nesse estado brasileiro.

Tudo isso faz com que, para entender como se dá a participação do Baiano na cosmogonia da Umbanda, tenhamos de entender a história do próprio Brasil.

Na década de 1950, época em que a Umbanda se consolidou em São Paulo, acontecia um enorme fluxo migratório do Nordeste para o Sudeste do país, em especial para o estado de São Paulo que, em crescimento frenético e constante, caminhava no sentido de tornar-se uma grande metrópole, havia se tornado um grande canteiro de obras e, portanto, necessitava de mão de obra em praticamente todos os setores produtivos, mas, em especial, na indústria e na construção civil.

Os nordestinos chegavam à cidade para serem os “peões” urbanos, mas também para trabalhar nos mais diferentes ramos da indústria automobilística, que também estava em franca expansão. Assim, o nordestino – comumente chamado de “baiano” por conta de um preconceito desenvolvido nessa época: “passou da Bahia é tudo igual, é tudo baiano” – foi associado à imagem do trabalho duro, da pobreza, do analfabetismo e da simplicidade, por vezes da ignorância, da vida precária e de tudo que até hoje é considerado inferior ou brega. E o fenômeno perpetuou-se

e aumentou conforme cresciam os problemas da grande metrópole: se o ônibus está lotado, não é a falta de planejamento ocasionada pelo crescimento desenfreado que resultou nisso, mas é culpa do “baiano cabeça chata” que se acotovela com o paulistano.

Na Umbanda, por sua vez, essas figuras nacionais provenientes do Nordeste, mas manifestadas em especial no Sudeste, foram associadas em primeira instância à simplicidade e à vida mais pobre. Elas representam aquele que resiste firmemente diante das adversidades.

As Entidades baianas representam as classes sociais brasileiras mais atingidas pela fome, pela miséria, pelo sofrimento, pela baixa escolarização e por outras tantas intempéries que as atingem, mas nem por isso deixam de sorrir e de aprender, nesse processo, de serem felizes e terem sabedoria, que vem das lições que a vida lhes dá. Como diziam os antigos, é coisa de quem aprendeu na “escola da vida”, e essa escola os tornou professores, para poderem ensinar aos outros por caminhos bem menos rígidos e dolorosos.

Embora sejam Entidades que se manifestem muito na região Sudeste do Brasil, há pouco na literatura umbandista sobre elas. Ainda que respeitem profundamente a fé e as outras Entidades, sempre aparecem em outras giras – de Caboclos, Pretos-Velhos e de Exu, com quem batem longos papos e se mostram muito amigos e companheiros.

Outra peculiaridade dos Baianos é que conhecem um pouco de tudo, de bom e de ruim, e por isso trabalham tanto com os aspectos positivos quanto com os negativos das situações.

Em decorrência dos motivos históricos que já enumeramos, como tem havido um alto número de aparições de Baianos em giras nos últimos anos, eles têm se tornado Entidades de grande valor e importância na Umbanda.

São geralmente as Entidades que necessitam de maior doutrina no que se refere ao comportamento quando estão em Terra: tendem aos exageros com o uso do tabaco e da bebida, e, para sua evolução espiritual, devem ser instruídos a usarem menos esses artifícios, especialmente quando incorporados.

Quando se referem aos Exus, usam o termo “Meu Cumpadre”, com quem têm grande afinidade e proximidade. Eles costumam trazer recados do povo da rua, e alguns até costumam adentrar a tronqueira para fazer ou desfazer algum “trabalho”. Enfrentam os espíritos trevosos,

chamando para si toda a energia negativa que eles dispersam com falas do gênero: “Venha me enfrentar, vamos vê se tu pode comigo, ô cabra”. Buscam sempre o encaminhamento e a doutrina, mas quando um zombeteiro não aceita e insiste em perturbar algum médium ou consulente, então o Baiano se encarrega de “amarrá-lo” para que não mais perturbe ou até o dia que tenha se redimido e queira realmente ser ajudado. Costumam dizer que se estão ali “trabalhando” é porque não foram santos em seu tempo na Terra, e também estão ali para passarem um pouco do que sabem e, principalmente, aprenderem com o povo da Terra.

Por fim, é necessário dizer que uma Entidade pode vir na linha dos Baianos e não ser necessariamente da Bahia, da mesma forma que, na linha das crianças, nem todas as Entidades são realmente crianças. Os Baianos são das Entidades mais próximas do plano humano dentro do Terreiro, por falarem e sentirem a maioria dos sentimentos de seus consulentes. São espíritos ancestrais ainda bem próximos do homem e dos sentimentos da carne.

São espíritos consoladores por natureza e, quando necessário, buscam e dão disciplina de forma brusca e direta, diferentemente da maioria das outras Entidades.³

COMIDAS DE BAIANO

Para agradar um Baiano ou Baiana, vale um bom coco fresco ou seco, uma boa cocada e farofa com carne seca, como a dos Boiadeiros. Vale água de coco, cachaça e batida. E ainda o cigarro de palha e o charutinho de fumo picado. Eles também gostam muito da comida regional tradicional e, dependendo do caso, aceitam como iguaria um bom baião de dois, vatapá e mungunzá, uma carne de sol frita com feijão de corda e muita farinha.

Suas roupas são alegres, cheias de cor e fitas e usam muito couro, em especial em chapéus típicos do nNordeste. As Baianas são uma beleza à parte.

3 Trechos do texto sobre os Baianos constam em publicação especializada registrada para a Web. Consultar as Referências Bibliográficas.

Para eles, deixamos aqui uma receita toda especial:

Vatapá

400 g de pão sem a casca (mais ou menos 8 pãezinhos)

3 xícaras (chá) de leite grosso de coco

1/2 kg de camarões médios limpos

1/2 kg de peixe em postas (garopa)

Sal

Pimenta-do-reino

Suco de limão

2 colheres (sopa) de azeite de oliva

1 cebola grande ralada

4 tomates batidos no liquidificador e passados na peneira

250 g de camarão seco

1 xícara (chá) de amendoim torrado e moído

1 xícara (chá) de castanha de caju torrada e moída

Noz-moscada

Gengibre ralado

1 xícara (chá) de azeite de dendê

Coloque o pão picado de molho no leite de coco por 30 minutos. Passe pela peneira. Tempere os camarões e postas de peixe com sal, pimenta e suco de limão. Refogue no azeite com a cebola e o tomate. Deixe cozinhar por 15 minutos. Retire o peixe da panela e junte com o camarão seco (moído e sem casca), o amendoim, castanha de caju, massa de pão com leite de coco, gengibre e noz-moscada. Acrescente aos poucos azeite de dendê e deixe no fogo, mexendo até obter um creme grosso. Adicione parte do peixe e mexa no fogo por mais 3 a 4 minutos. Sirva colocando o creme sobre o peixe restante.

12 PONTOS DE BAIANO

*Bahia, oh África
Vem cá, vem nos ajudar
Bahia, oh África
Vem cá, vem nos ajudar
Força Baiana*

*Força Africana
Força Divina
Vem nos ajudar
Bahia, Bahia
Bahia de São Salvador
Quem nunca foi à Bahia
Pede à Deus Nosso Senhor*

*

*Lá na Bahia
Ninguém pode com baiano (bis)
Quebra coco, arrebenta sapucaia
Vamos todos saravá (bis)*

*

*Oi trepa no coqueiro, tira coco
Chique-chique, nheco-nheco
No coqueiro eu chego lá
Firma ponto minha gente
Que Baiano vai chegar
Foi no pé da bananeira
Que entreguei meu amalá*

*

*Balança a porteira velha
Balança, balançô
Balança a porteira velha
Que Baiano já chegou*

*

*Trepa no coqueiro
Tira coco se quizer*

*Vou chamar a baianada
Pra dançar neste congá*

*

*Na Bahia tem um coco
Nesse coco tem dendê (bis)
Olha diga como é que se
Come esse coco
Esse coco que é bom de comer*

*

*Oh Meu Senhor do Bonfim
Valei-me meu salvador
Vinde, salvai vossos filhos
Povo da Bahia chegou*

*

*Se é baiano
Agora que eu quero ver
Dança cativa
No azeite de dendê
Eu quero ver um baiano de Aruanda
Trabalhando na Umbanda
Pra Quimbanda não vencer*

*

Sr. Chapéu de Couro

*Ele é Baiano
Ele arrebenta a sapucaia
Ê, Ê meu Pai
Ele arrebenta a sapucaia*

*Ele é da Bahia
Esse Baiano vale ouro
Ele é da Bahia
Salve o seu Chapéu de Couro*

*

Ponto de Subida dos Baianos

*A Bahia chamou, chamou
Mandou chamar (bis)
Foi Senhor do Bonfim
Que chamou Baiano
Pra rezar*

*

*O trem apitou
Baiano viajou (bis)
Baiano viajou
Com Nosso Senhor*

*

Baianas

Linha das Baianas

*Bota pimenta
No meu prato de dendê (bis)
A mulherada na cozinha
Eu quero ver (bis)
A Baiana bonitinha
Que cozinha só
Pra mim (bis)
Oh meu Deus do*

Senhor do Bonfim (bis)
Bota a mão nas cadeiras
E remexe mais, oh Baiana
Vê se remexe mais (bis)
Na subida da ladeira
E na descida do Bonfim

MINIDICIONÁRIO

TERMOS DE UMBANDA TRADICIONAL

A

ABACÊ / IABASÊ – Cozinheira que prepara as comidas de Santo.

ABADÁ – É o nome dado a uma túnica larga e de mangas compridas, usada nos Terreiros pelos homens, pelos Iorubás.

ABADÔ – Parte da vestimenta do Orixá Oxum

ABALÁ – Comida muito semelhante ao acarajé.

ABALÔ – Nome dado a Oxum quando brinca com o leque.

ABAÔ – É um iniciando do sexo masculino, desenvolvendo-se mediunicamente no Terreiro de Umbanda

ABARÁ – Bolo feito com massa de feijão-fradinho, cebola, camarão-seco e sal, enrolado com folhas de bananeira e cozido no vapor de água quente. Era comida dos negros africanos nas senzalas e mais tarde nos Terreiros.

ABATÁ – Sapato ou qualquer tipo de calçado.

ABEBÊ – Leques de Oxum e Iemanjá, sendo o de Oxum feito de metal dourado e o de Iemanjá de metal prateado.

ABIÁ – Posição inferior da escala hierárquica dos Candomblés ocupada pelo candidato antes do seu noviciado; em iorubá significa “aquele que vai nascer”. Nome dado ao iniciado no Culto dos Orixás que ainda não recebeu qualquer tipo de obrigação.

ABICUN – Uma criança que morre logo após o parto para atormentar os pais, nascendo e renascendo interminantemente.

ABIODUN – Título de um dos Obás de Xangô.

ABÔ – Banho de ervas sagradas dos Orixás. O “abô dos axés” é a infusão proveniente do maceramento das folhas sagradas, às quais juntam-se o sangue dos animais utilizados no sacrifício e substâncias minerais como o sal. Esse líquido, acondicionado em grandes vasilhames de barro (quartilhões) é empregado ao longo do processo de iniciação e para fins medicinais sob a forma de banhos e beberagens.

ABOMI – Quer dizer ao Orixá: aceite água.

ABORÔ – Denominação genérica dos Orixás masculinos, por oposição às iabás, que são as divindades femininas.

ABRIR A GIRA – Significa o início ou abertura dos trabalhos nos Terreiros de Umbanda.

ABROQUE – É um manto usado somente pelas mulheres durante uma sessão.

ACAÇÁ – Comida originária da África, com aparência de bolo de angu de arroz. É a comida ou o alimento dos Orixás em geral, mas é a comida votiva do Oxalá.

ACARAJÉ – Bolo feito com massa do feijão fradinho, cebola, camarão seco, sal, e frito no azeite de dendê. Comida de Iansã.

ACENDE CANDEIA – Planta muito utilizada para banhos, conhecida também como Candeia-Mucerengue

ADARRUM – Tipo de ritmo acelerado e contínuo executado nos atabaques e agogôs. É empregado, sobretudo, nos ritos de possessão para invocar os Orixás.

ADÉ – Homem com trejeitos femininos, homem afeminado, os homossexuais masculinos.

ADEJÁ – É uma campainha usada nas cerimônias de Terreiro, isto é, uma campânula de metal com duas ou mais bocas tocadas pelo pai ou mãe de santo, nas cerimônias rituais a fim de facilitar o transe dos filhos de santo.

ADJARIN – Sineta de metal composta de uma, duas ou mais campainhas utilizadas por sacerdotes para induzir o transe.

ADOBALÉ – Nome dado ao ato de deitar-se no chão para ser abençoado pelo Orixá.

ADUFE – Pequeno tambor. Instrumento de percussão de uso mais frequente nos “Xangôs”, no Nordeste.

ADUN – Comida de Oxum feita com milho torrado e moído, com um pouco de azeite de dendê e mel de abelhas.

ADUPÊ – Bode.

AFIN – O mesmo que ifin. Designa a noz-de-cola branca, na língua iorubá; por extensão a cor branca.

AFOMAN – Um dos nomes do Orixá Omulu, em Candomblés Baianos. Deriva de Afomó: contagioso, infeccioso.

AFOXÉ – Ritual de cunho folclórico, muito difundido na Bahia.

AGANJU – Uma das qualidades de Xangô no Brasil. Em iorubá significa deserto.

AGÉ – Pessoa que não entende o Ritual.

AGÔ – Significa pedir licença ou permissão, em outros momentos, este termo traduz perdão e proteção pelo que se está fazendo.

AGODÔ – Uma das qualidades de Xangô no Brasil.

AGOGÔ – Instrumento musical composto de uma ou mais campânulas, geralmente de ferro, percutido por uma haste de metal.

ÁGUAS DE OXALÁ – Cerimônia de purificação do Terreiro. Esta Cerimônia marca o início do ciclo de festas litúrgicas nos Candomblés e Umbandas de Nação. Geralmente, realiza-se em Janeiro.

AGUERÊ – Dança de Iansã e Oxóssi.

AGUIDAVIA – Varetas de cipó, goiabeira, marmelo ou ipê utilizadas para tocar atabaque.

AIA – Toalha branca para uso em Terreiro

AIÊ – A terra, o solo, sob o domínio de Omolu.

AIOCÁ – Referente à Iemanjá e ao fundo do mar, na cultura banta.

AIRÁ – Xangô velho – Uma das qualidades de Xangô.

AJAPÁ – Cágado, tartaruga. O animal sagrado de Xangô.

AJÉ – Feiticeira

AJEUM – Nome dado para as comidas votivas servidas dentro do Terreiro.

AJOGÚN – Palavra de origem iorubá que designa os infortúnios, como a morte, a doença, a dor intolerável e a sujeição.

AKÁ – Faixa usada para amarrar no peito dos médiuns incorporados.

AKEPALÔ – Sacerdote.

AKESSAN – Um dos nomes do Orixá Exu.

AKIKÓ /AKUKÓ – Galo.

AKIRIGEBÓ – Frequentador do Candomblé.

AKÓKEM – Galinha-d'angola.

ÁLÁ – Pano branco usado ritualmente como pálio para dignificar os Orixás, geralmente feito de algodão.

ALAFIM – Uma das qualidades de Xangô.

ALAKETO – Nação do povo Iorubá-Nagô.

ALÉKESSI – Planta dedicada a Oxóssi. Também conhecida como São Gonçalinho.

ALFANGE – Objeto semelhante a uma espada.

ALGUIDAR – Vasilha de barro onde se coloca comida votiva. Diferente da bacia de barro usada para entregas, para acender velas, depositar os banhos, entregar comidas e defumação.

ALIBÁ – Polícia.

ALOJÁ – A dança do ritual de Xangô.

ALOYÁ – Senhora Oyá. O mesmo que Iansã ou filho de Oyá.

ALUÁ – Bebida feita com farinha de milho ou de arroz, fermentada em água com cascas de frutas, gengibre e um pouco de açúcar. É servida nos Terreiros de Candomblé, principalmente aos Caboclos.

ALUJÁ – Batida de tambor especial para Xangô.

AMACI – Líquido preparado com o sumo de diversas plantas, não cozidas, e que tem muita aplicação na firmeza de cabeça dos médiuns. O principal banho para o ritual da “lavagem de cabeça”. O líquido é preparado de folhas sagradas, maceradas em água, deixando repousar durante sete dias. É destinado a banhar a cabeça dos médiuns. As folhas são do Orixá chefe do templo e as de Ossain.

AMALÁ – Comida de Santo. Faz parte da culinária sagrada de Xangô. Comida feita com quiabos, mas também pode designar as comidas cerimoniais de vários Orixás.

ANAMBURUKÊ – Um dos nomes de Naná Burukê, a mais velha de todos os Orixás.

ANGOLA – País do sudoeste da África, de onde vieram negros escravos para o Brasil, trazendo vários dialetos de origem Bantu como Kimbundo, Embundo, Kibuko e Kikongo.

ANGOMBA – É a designação para um segundo atabaque. Atabaques.

ANGORÔ – Na Nação Angola, significa qualidade de Oxumarê.

ANIL – Pó azul que serve para fins rituais.

APARÁ – Uma das qualidades da Orixá Oxum, quando se apresenta carregando uma espada.

ARÊ – Ruas e encruzilhadas.

ARIAXÉ – Banho preparado com ervas e folhas. Nesse banho consta mais de 21 diferentes espécies de vegetais. Preparado somente pelo próprio chefe do Terreiro. Ariaxé também é o nome do local onde são feitos estes banhos.

ARIDÁ – Fruto do qual se origina o Obi.

ARIMBÁ – Pote de barro para guardar o Azeite de dendê

ARIPÓ – Panela muito semelhante ao alguidar de barro

ARREBATE – Abertura rítmica das cerimônias públicas dos Candomblés. O modo vibrante de tocar os atabaques; equivale a uma convocação.

ARUQUERÊ – Objeto de metal usado por Oxóssi.

ASSENTAMENTO – Objetos ou elementos da natureza (pedra, árvore etc.) cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade. Consagrados, são depositados em recintos apropriados de uma Casa-de-Santo. A centralidade do conjunto é dada por uma pedra ou Otá.

ASSENTAMENTO DE ORIXÁ – É o lugar no Pegí ou no quarto de Orixá onde é colocada a representação de Orixá, ou do seu fetiche, ponto riscado etc.

ASSENTAR – Consagrar objetos lançando mão de apetrechos e rituais, a fim de oferecê-los ao Orixá que se quer.

ASSENTO – Termo utilizado para um local preparado para um Orixá ou Exu. Santuário exclusivo.

ATABAQUES – São três tambores de tamanhos pequeno, médio e grande, que marcam o ritmo e a cadência dos cânticos. O maior se chama RUM, o médio RUMPI e o pequeno LÉ. Apresentam-se em registro grave, médio e agudo. Nos Candomblés Angola são chamados de Angombas.

ATARÉ – Pimenta da Costa.

ATIM – Pó de pemba.

ATOTÔ – Expressão muito utilizada no Brasil para saudar o Orixá Omulu/Obaluaiê.

AXÊ – É a força mágica do Terreiro representada pelo segredo composto de diversos objetos pertencentes às linhas e falanges. Força bendita e divina. Força vital, que dá vida a todas as coisas, presente especialmente em objetos ou seres sagrados, também nome de objeto sagrado. Expressão utilizada para passar força espiritual, podendo ser ainda, o mesmo que amém, assim seja.

AXEXÊ – Cerimônia fúnebre iorubana. Semelhança com a missa de 7º dia católica. Diferente do ritual fúnebre para libertar o espírito da matéria.

AXÓ – Roupas dos filhos de santo.

AXOGUM – Nome dado ao encarregado de sacrificar animais, segundo regras precisas, quando não é feito pelo Chefe do Terreiro. Muito comum nos cultos de Candomblé nagô.

AXOXÔ – Comida feita com milho vermelho cozido, enfeitado com fatias de coco. Comida dada aos Orixás Ogum e Oxóssi.

AYÊ – Tem dois sentidos, podendo significar terra ou vida.

AZÊ – Capuz de palha da costa usado por Omulu ou Obá.

AZEITE DE DENDÊ – Óleo Baiano extraído do dendezeiro, sendo muito utilizado na culinária dos Orixás.

B

BABÁ – Expressão usada para saudar Oxalá

BABA– Pai. Este termo entra em grande número de palavras, com diferentes significados. No sentido de pai, compõe o nome de diferentes sacerdotes: Babalorixá; Babaojê; Babalaô; Babalossaim etc. Chefe feminino nos templos de Umbanda; títulos de Orixá nos Candomblés.

BABA KEKERÊ – O mesmo que Pai Pequeno.

BABALAÔ – O sacerdote do culto de Ifá. Quer dizer: aquele que tem o segredo. Diz-se da pessoa que pode ver através do jogo de Opelê-Ifá (jogo de búzios). Pai de Santo. Chefe de Terreiro. (masculino).

BÀBÁLÁWO – Sacerdote encarregado dos procedimentos divinatórios mediante o òpèlè de Ifá, ou rosário-de-Ifá.

BABALORIXÁ – Sacerdote chefe de uma Casa de Santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o mediador por excelência entre os homens e os Orixás. O equivalente feminino é denominado Ialorixá. Na linguagem popular, são consagrados os termos Pai e Mãe de Santo (a Umbanda também usa Babalaô). Substitui o Axogum; pode colher as ervas sagradas. Orienta a vida espiritual da comunidade religiosa.

BABALOSSAIM – Pessoa (com preparo especial) encarregada de colher as ervas sagradas dos Orixás.

BABUGEM – Restos de comidas e bebidas que sobram no Terreiro. Estes restos devem ser jogados sobre o telhado do Terreiro ou despachados em alguidares, dependendo do ritual.

BACO – Ato sexual.

BACURO DE PEMBA – Filho de Santo.

BALANGANDÁ – Enfeites e ornamentos. Podem também ser amuletos.

BALÊ – Casa dos Espíritos mortos (desencarnados). Cemitério, casa dos Eguns. Calunga pequena

BALUÉ – Banheiro, local de banho.

BANDA – Termo utilizado para dizer a qual linhagem está ligada a Entidade. Lugar de origem de Entidade.

BANHA-DE-ORI – Espécie de gordura vegetal obtida pelo processamento das amêndoas do fruto de uma árvore africana que é vendida nos mercados brasileiros, nas Casas de Santo, para uso ritual. Diz-se também “banha-de-Oxalá” e “limo-da-costa”. A mesma denominação é dada a gordura de origem animal extraída do carneiro.

BARÁ – Nome do Exu que protege o corpo.

BARCO – Nome dado ao grupo de filhas e filhos de santo iniciados ao mesmo tempo, designa o grupo dos que se iniciam em conjunto. Como unidade de iniciação gera obrigações e precedências imperativas entre os irmãos-de-barco ou irmãos-de-esteira.

BARRACÃO – Local de ritual, terreno, o Terreiro propriamente dito. O lugar principal do Terreiro.

BARRAVENTO – Gíria que define o desequilíbrio momentâneo que os filhos de santo sofrem antes da incorporação.

BARU – Nome dado ao Xangô violento, ligado ao fogo e, às vezes a Ogum.

BASTÃO-DE-OGUM – Espécie vegetal de Espada-de-São-Jorge.

BATER PARA O SANTO – Ato de percutir os atabaques usando o ritmo especial de determinado Orixá.

BATER-CABEÇA – Ritual que quer dizer cumprimentar respeitosa e humildemente. Consiste em abaixar-se aos pés do Congá ou Pegí, ou mesmo para o Orixá incorporado ou a uma Entidade Espiritual e tocar sua cabeça no chão, aos seus pés. Representa respeito e humildade.

BATETÉ – Comida dos Orixás.

BATUCAJÉ – Este termo designa a percussão que acompanha as danças nos Terreiros; por extensão designa também as danças.

BEJA – Cerveja branca.

BENTINHOS – Escapulário que se usa pendurado no pescoço e contém orações, rezas e figuras de santos. Patuá. Mandinga.

BETULÉ – Machado feito de pedra e de bambú para uso de Xangô.

BILONGO – Amuleto muito usado por caçadores para proteção

BOBÓ – Comida dos Orixás.

BORÍ – Ato pelo qual um filho de santo oferece sacrifícios e oferendas à sua cabeça. É o ritual que, juntamente com a lavagem-de-

contas, abre o ciclo iniciático. Fora deste ciclo, rito terapêutico. Em ambos os casos, consiste em “dar de comer e beber à cabeça”.

BOTAR NA MESA – Quando um médium atende particularmente um consulente e através de um oráculo (principalmente as cartas) procede à consulta e à orientação espiritual.

BREVE – Espécie de patuá; pequeno envelope de pano ou couro, contendo uma oração ou imagem de santo. Usado como proteção.

BÚZIOS – Tipos de conchas de uso recorrente na vida cerimonial dos Candomblés. Especialmente servem às práticas do dilogun – sistema divinatório onde são empregados geralmente dezesseis búzios.

C

CABAÇA – Fruto do cabaceiro. Sua carcaça é frequentemente utilizada nos cultos afro-brasileiros como utensílio e instrumento musical. Utilizado também como moringa de bebida (em geral, água).

CABEÇA MAIOR – Pessoa de alta hierarquia no templo.

CALIFÁ – Prato ritualístico com 4 búzios, onde se pede a confirmação aos Orixás em certos rituais.

CALUNGA – Cemitério. Termo que designa uma espécie de Entidade da linha de Iemanjá.

CALUNGA GRANDE – Oceano, mar.

CALUNGA PEQUENA – Cemitério.

CAMARAN-GUANGE – Na nação Angola, é uma espécie de Xangô.

CAMARINHA – Roncó.

CAMBONE – Auxiliar sagrado dos rituais de Umbanda. Encarregado de ajudar os médiuns de incorporação e o servidor dos Orixás. O cambone é o médium que teve o necessário desenvolvimento para poder auxiliar e entender os Guias nas necessidades das sessões. Auxiliar de culto.

CANDOMBLÉ – Nome que define os cultos afro-brasileiros de origem Jeje, Iorubá ou Bantu. Designação genérica. Costumam, no entanto, distinguir-se por suas designações regionais: Candomblés (leste-setentrional, especialmente Bahia), xangôs (nordeste-oriental, especialmente Pernambuco), tambores (nordeste ocidental, especialmente São Luís do Maranhão), Candomblés-de-Caboclo (faixa litorânea, da Bahia ao Maranhão), catimbós (Nordeste), batuques ou parás (região meridional, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), batuques e babaçuês (região setentrional, Amazonas, Pará e Maranhão), macumba (Rio de Janeiro e São Paulo).

CAÔ – Saudação a Xangô.

CAPANGA – Uma espécie de bolsa que os Orixás usam para carregar seus apetrechos.

CAPANGUEIRO – Termo usado no sentido de companheiro.

CARURU – Comida de Ibêji, feita com quiabos, frango, sal e azeite de dendê. Também pode ser um tipo de erva comestível, de paladar semelhante ao espinafre.

CASA DE SANTO – Designação do espaço circunscrito que constitui a sede de um grupo de culto. Costuma chamar-se também de ilé (kétu), roga e Terreiro (Angola) e, em alguns casos, barracão. Este último termo serve também para designar o recinto onde ocorrem as festas públicas.

CATENDÊ – Para o povo de Angola, é uma espécie de Ossain.

CATERETÊ – Designação de um ritual do Estado do Maranhão

CAVIUNGO – Divindade correspondente ao Omulu dos Iorubás.

CAXIXI – Chocalho de cabaça e de vime trançado, contendo sementes ou seixos. Em alguns casos, vasilhames rituais em miniatura. Diferente do instrumento utilizado nos cultos para acompanhar os cânticos. É feito com vime trançado, e tem em seu interior algumas sementes.

COLOFÉ – A benção.

COMPADRE – Designação para Exu.

CONTRA-EGUN – Trança de palha-da-costa que os neófitos trazem amarrada nos dois braços, logo abaixo do ombro, com a finalidade de afastar os espíritos dos mortos.

CURIMBA – Conjunto de instrumentos musicais do Terreiro. Os instrumentos que compõem uma curimba podem ser atabaques, tambor, agogôs, chocalhos, berimbau, violões etc. Curimba é a orquestra de um Terreiro. Os cânticos realizados da Umbanda.

D

DAGÁ – Filha de santo antiga na Casa, encarregada de tratar dos exus.

DAMATÁ – O mesmo que Ofá.

DAN – Serpente sagrada (Daomé - Benin) representando a eternidade e a mobilidade sob a figura de uma cobra que engole a própria cauda.

DANDÁ – Tipo de raiz, utilizada nos cultos aos Orixás por suas diversas utilidades. É mais conhecida como dandá da costa. Vegetal, espécie de capim, que exala um odor, muito usado em trabalhos, como banho e defumações em ritual de Umbanda.

DANDALUNDA – Outro nome dado a Janaína, Iemanjá, ou Mãe Dandá.

DAOMÉ – Antigo nome da atual República de Benin, na África.

DECÁ – Braclete ritual que o filho de santo recebe após sete anos de sua primeira saída da camarinha (Candomblé)

DENDÊ – Palmeira africana aclimatada no Brasil de ampla utilização na liturgia dos Candomblés. O óleo obtido dos seus frutos (azeite de dendê) é considerado indispensável para a elaboração de grande parte das comidas de santo. Suas folhas servem para guarnecer entradas e saídas das Casas de Santo.

DESPACHAR EXU: Enviar Exu por meio de oferendas (de bebidas, comidas, cânticos e sacrifício animal), para impedi-lo de perturbar a cerimônia.

DIJINA – Nome iniciático dos filhos-de-santo dos Candomblés de Nação Angola. Nome dado aos iniciados nos cultos de origem Bantu e que fará conhecido pela comunidade. Como o nome não deve ser pronunciado em vão, chama-se o filho pela Djina.

DILOGUN – Nome dado à adivinhação com búzios que podem ser de 4 a 36 (mais comumente 16). Nesse jogo de Ifá as respostas ao oráculo são dadas por Èsù. Pode ser também uma Guia / fio com 16 fios.

DILONGA – Prato que representa uma das ferramentas, ou melhor, um dos utensílios de Ogum.

DOUM – Segundo a lenda Iorubá era o nome de Exu quando criança, por ter uma forte semelhança com os Ibejis (crianças). Na Umbanda, sincretiza-se como um irmão mais novo de Cosme e Damião.

E

EBAME OU EBAMI – Filha/o de Santo com mais de sete anos.

EBIANGÔ – Planta muito usada pelos negros em amuletos e que é tida como portadora de virtudes mágicas como, por exemplo, afastar espíritos maléficos.

EBIRI – Símbolo de Oxumaré

EBÓ – Termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios, Usa-se também trabalho, despacho e, às vezes, feitiço. Toda e qualquer comida ritualística oferecida aos Orixás, seja para agradecer o Orixá ou para servir como despacho, por exemplo.

EDÉ – Cidade da Nigéria que cultua Eguns.

EDI – Ânus.

EDU – Carvão.

EFÓ – Comida de Ogum feita com caruru e ervas.

ÉFUM – Desenhos feitos com giz no corpo dos iniciados. Farinha de mandioca. Nome dado à argila branca com que são pintados os

iniciados. Essa pintura corresponde ao que se chama de “mão-de-efun”. Como sinônimo de efun ocorre, também, afin.

EGÊ – Sangue de animais, o mesmo que “xôxô”.

EGUN – Alma, espírito desencarnado. Nome genérico dos espíritos dos mortos.

EGUNGUM – Osso. Refere-se também aos espíritos dos antepassados. Espíritos dos ancestrais, cultuados especialmente em Terreiros situados na Ilha de Itaparica, na Bahia. Materialização de encarnados. Aparição. Evocação de Ancestrais.

EGUNITÁ – Qualidade de Iansã.

EIRU – Mocotó ou rabada cerimonial.

EJÁ – Peixe.

EJILÉ – Pomba que é destinada ao sacrifício com a finalidade de ser empregada em algum trabalho.

EKÊ – Fingimento, mentira.

EKEDE OU EKEDI – O mesmo que Cambona(o). São as auxiliares femininas das Mães-Pequenas. Ekedis não incorporam, mas têm autoridade sobre as Entidades como uma Mãe Pequena. Cargo circunscrito às mulheres que servem os Orixás sem, entretanto, serem por eles possuídos. É o equivalente feminino de ogã.

EKÓ – Espécie de acaçá ofertado a todos os Orixás e, principalmente, a Eguns.

ELEDÁ – Anjo da Guarda. Senhor dos vivos. Entidade que governa o corpo material. Um dos títulos de Ori, que pode ser também o primeiro Orixá da cabeça de uma pessoa.

ELEDÊ – Porco.

ELEGBARA – Um dos títulos de Exu, que quer dizer Senhor da Força.

ELUÔ – Adivinhador.

ENI – Nome dado à esteira de palha utilizada pelos iniciados, sobretudo durante o período de reclusão. É empregada como “mesa”, “cama” e “tapete” em distintos ritos. No Candomblé é usual a expressão “irmãos-de-esteira” para designar o conjunto de neófitos reclusos ao mesmo tempo, e que eventualmente tenham partilhado esse artefato simbólico na liturgia da iniciação.

EPA-BABÁ – Saudação a Oxalá-Guiã.

EPARREI – Saudação a Iansã.

EPÔ – Azeite de dendê.

EPOJUMA – Azeite doce.

ERAM – Carne.

ERÊ – Espírito infantil que incorpora depois dos Orixás, a fim de transmitir recados aos iaôs. Quando se recolhe passa-se uma semana incorporada por um erê. Termo que caracteriza um estágio de transe atribuído a um espírito-criança.

ERILÉ – Pombo.

ERÓ – Segredos e ensinamentos revelados aos médiuns no Terreiro em seu desenvolvimento.

ERUQUERÊ – Rabo de animal. É também um objeto de metal atribuído a Iansã. Este rabo de cavalo é usado por Iansã para afastar as almas dos eguns. Presente dado a ela pelo Orixá Oxóssi.

ESSA – Espíritos de ancestrais ilustres do Candomblé.

EWÊ – Folha.

EXÊ-UÊ-BABÁ – Saudação cerimonial para Oxalá.

EXÊS – Partes dos animais sacrificados para serem oferecidos aos Orixás.

EXU – Orixá da comunicação, senhor dos caminhos. É o primeiro a ser reverenciado nos rituais e trabalha tanto para o bem como para o mal. Primogênito da criação. Também conhecido como Elégbára (jeje) é popularmente referido como compadre ou homem-da-rua. Suscetível, irritadiço, violento, malicioso, vaidoso e grosseiro. Dizem que provoca as calamidades públicas e privadas, os desentendimentos e as brigas. Saudação – “Laró yè!”.

F

FAMÍLIA DE SANTO – Termo de referência que designa os laços de parentesco místico nos quais incorre o filho de santo em virtude da iniciação.

FIBÔ – Uma qualidade de Oxóssi.

FIFÓ – Lampião de querosene.

FILÁ – Capuz confeccionado com palha da costa que cobre o Orixá Obaluaiê. Nome também dado ao véus de contas que cobrem o rosto dos Orixás femininos e de alguns masculinos.

FIRMA – Fecho de colar de forma cilíndrica. Suas cores indicam a vinculação de seu portador a um determinado Orixá.

FON – Uma das tribos que trouxe para o Brasil e cultura Jeje, a qual cultua os voduns.

G

GANGÁ – Exus. Aquilo que se refere a eles.

GANGA-ZUMBÁ – Foi um dos mais famosos chefes guerreiros que abrigavam escravos foragidos no Quilombo dos Palmares. Era um dos mais respeitados naquela comunidade, por isso tinha todas as honras, era tratado como o rei dos escravos.

GANZÁ – Instrumento musical de percussão, semelhante a um cho-calho, geralmente de folha-de-flandres e forma cilíndrica, contendo em seu interior pedaços de chumbo ou seixos.

GUDUPE – Palavra usada para denominar qualquer animal de quatro patas.

GUEDELÉ – Máscaras usadas nos rituais de feitiçaria.

GUERÊ – Qualidade de Iansá.

GUÊRRE – Farinha de mandioca usada na preparação de comidas.

GUIA – Conta de miçangas ou de cristal ou mesmo de porcelana, da cor especial do Orixá ou Entidade Espiritual que representa e identifica. Pode também significar o próprio Orixá, quando se trata de um Preto-Velho, Caboclo, Baiano, Boiadeiro ou Marinheiro. Fio de contas usado nos rituais afro-brasileiros. Entidade espiritual, espírito superior. Alguns são o Guia protetor do templo, outros do médium. Geralmente o Guia do Terreiro incorpora no dirigente espiritual do templo.

GUINÉ – Folhas utilizadas nos rituais.

GUM – O mesmo que “GU”, o vodun correspondente, para os dao-meanos, ao Ogum dos Iorubás.

GUNOCÔ – Orixá da linhagem de Ogum que habita as florestas.

H

HOMEM DAS ENCRUZILHADAS – Exu.

HOMEM DE RUA – Exu.

I

IÁ – Mãe.

IABÁ – Cozinheira que conhece e prepara as comidas dos Orixás. Cozinheira do culto.

IÁBASSÉ – Especialista ritual encarregada do preparo das comidas votivas dos Orixás.

IÁ-EFUN – Especialista ritual encarregada das pinturas corporais durante o período de iniciação. Embora esse título honorífico signifique literalmente “mãe-do-efun”, o ofício litúrgico não se limita às pinturas com o pigmento branco (efun). São também empregados: wájí e osùn, respectivamente as cores azul e vermelho.

IÁLAXÉ – Título honorífico geralmente ostentado pela própria Mãe de Santo, significando “mãe-do-axé” ou “zeladora-do-axé”.

IALORIXÁ – A suprema em uma Casa de santo. O mesmo que Mãe de Santo.

IANSÁ – Nome da Orixá que controla os ventos, raios e tempestades. Foi uma das esposas de Xangô, e também a mais fiel delas.

IAÔ – Filha de santo que experiência transe, ou é iniciada em reclusão. Médiun feminino no primeiro grau de desenvolvimento do Terreiro. Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatória. Em iorubá significa “esposa mais jovem”.

IBÊJI – Orixás crianças.

IBI – Caramujo que é oferecido em pratos sagrados aos Orixás, principalmente Oxalá.

IBIRI – O Cetro usado por Nanã, que possui uma das pontas recurvada. Nanã dança com ele tal como a mãe nina o filho. Segundo algumas lendas iorubá, este gesto representa o arrependimento por ter abandonado Omulu, seu filho.

IBUALAMA – Oxóssi que teve relação com Oxum, quando foi atraído por ela até o rio, gerando com ela o filho Logun-Edé.

IDARÁ – Pedra de Xangô.

IDÓ – Banheiro.

IDOKÊ – Pó de pamba utilizado para fazer o mal.

IFÁ – Deus da adivinhação e da sabedoria que orienta aqueles que o consultam. Deus dos oráculos e da adivinhação. Senhor do destino.

Há quem afirme ser sua representação a cabaça envolvida por uma trama de fios de búzios. Sua cor é o branco.

IBÁ ODÛ – Expressão iorubá que designa a cabaça ou o artefato litúrgico que contém no seu interior os elementos simbólicos e as substâncias que tornam possível a existência individualizada.

IBÁ-ORÍ – Expressão iorubá que designa, no rito do borí, o recipiente em que vão sendo depositadas as substâncias constitutivas e reveladoras da identidade do sacrificante. Literalmente significa “cabaça-da-cabeça”. Na liturgia dos Candomblés é frequentemente utilizada a forma *ibá*, com o mesmo sentido.

IEMANJÁ – Na Nigéria ela é cultuada como deusa do Rio Ogum, sendo um Orixá de rio. Porém, no Brasil, ela é cultuada como deusa das águas salgadas, confundida com sua mãe.

ÌGBÍN – Cadência rítmica lenta executada pela orquestra cerimonial em louvor a Oxalá. E o caracol também conhecido como “o boi de Oxalá”, sua oferenda predileta. Na linguagem corrente dos Candomblés é usual a forma *ibí*.

IJEXÁ – Ritual africano. Os adeptos do Ijexá temem os mortos e apressam-se em expulsá-los dos Terreiros. Toque cadenciado para Oxum e Logun.

IJIMUN – Uma das qualidades de Oxum que tem ligação com as bruxas, feiticeiras africanas.

IKODIDÉ – Pena vermelha do papagaio-da-costa (*Psittacus eritacus*, *sp.*). Simboliza o nascimento do novo Filho de Santo e, de um modo geral, a fecundidade.

ILÁ – O brado dos Orixás manifestados.

ILÊ – Casa de Candomblé.

ILÊ ABOULA – Casa que cultua Egungum.

ILÉ-ÒRÌSÀ – É também conhecida a forma “quarto de santo” ou “casa do santo”.

ILU – Pode significar vida ou o nome que os atabaques recebem em algumas casas de santo no Nordeste.

INAÊ – Um dos nomes de Iemanjá, nos cultos Bantu.

INCÔSSE – Orixá da cultura Bantu, que corresponde a Ogum.

INKICE – O mesmo que Orixá nos cultos de origem Bantu.

INLÉ – Um outro nome do Orixá Oxóssi.

IÓ – Sal.

IORUBÁS – Negros africanos que falam a língua iorubá ou nagô.

IPETÉ – Comida de Oxum.

IROKO – Gameleira branca, morada dos Orixás. É também o nome do Orixá Funfum, filho de Oxalá, cultuado na gameleira branca, na Nigéria.

ITÁ-OTÁ – Pedra sagrada dos Orixás.

ITÁ DE XANGÔ – Pedra caída junto com o raio.

IXÉ – Local, nas Casas de culto, onde ficam os assentamentos do barracão. Representa a ligação direta do Orum com o Aiê.

IYAMI OXORONGÁ – É a principal das Iyá Mi Ajé, que quer dizer: Minha mãe feiticeira. É a mais poderosa de todas, tem a força feminina equivalente à de Exu. Trata-se de uma Entidade muito respeitada e temida. Seu culto é extremamente feminista, uma vez que Iyami não permite ser cultuada por homens.

J

JÁ – Briga, luta.

JABONAN – Assim chamada a auxiliar da Babá.

JAGUN – Guerreiro. É também uma das qualidades do Orixá Obaluaiê.

JANAÍNA – Um dos nomes de Iemanjá.

JEJE – Tribo da cultura Ewefon, introduzida no Brasil através do tráfico de escravos vindos do Daomé.

JELÚ – Um dos nomes pelos quais é conhecido Èsù Àjelú ou Ijelú.

JESUS – O filho de Deus, sincretizado e unido a Oxalá

JIBONAN – Designação do fiscal de trabalhos do Terreiro.

JIKÁ – Ombros.

JOLOFÔ – Coisa inútil ou pessoa tola.

JONGO – Ritual folclórico dos negros iorubás.

K

KABULA – Tribo Bantu predominante no Espírito Santo, que por serem muito arredios, deram origem à palavra encabulado.

KAJANJÁ – O mesmo que Omulu.

KAÔ – Saudação de Xangô. Salve! Viva!

KAURIS – Búzios, utilizados no jogo do delogum. Outrora também serviram de dinheiro na África.

KELÊ – Colar do iniciado. Gravata feita com miçangas e firmas, nas cores do Orixá a que é dedicado e, colocada nos yaôs durante a feitura para ser usada durante o resguardo.

KETÚ – Tribo Iorubá, que manteve sua cultura intacta, arraigada entre os brasileiros. Conservou as tradições aos rituais e às cantigas, inclusive com o idioma de amplo vocabulário que permite comunicação perfeita entre os que se dedicam ao seu aprendizado.

L

LAQUIDIBÁ – Espécie de colar feito com raízes ou chifres de búfalo, muito utilizado na Nigéria, ao redor do umbigo, para proteger as crianças das doenças. No Brasil, é utilizado como Guia (no pescoço) consagrado a Omulu, o senhor das doenças.

LAROIÊ – Saudação brasileira para Exu.

LEGBÁ – Vodun cultuado na nação Iorubá, correspondente a Exu.

M

MACUMBA – Termo antigo que denominava os cultos dos escravos nas senzalas. Candomblé. Depois, esse termo passou a ser vulgar e tornou-se como feitiço ou culto de feiticeiros.

MÃE DE SANTO – Médiun feminina chefe ou dirigente de Terreiro, Madrinha, Babá.

MÃE PEQUENA – Médiun feminina desenvolvida e que substitui a Mãe de Santo. Auxiliar das iniciandas (iaôs) durante o seu desenvolvimento mediúnico. Também ocorre a forma ia-kekerê. Seu equivalente masculino é pai-pequeno. Diz-se, também, mãe ou pai-pequeno daquele que, ao lado da mãe ou pai de santo, encarrega-se da formação do iaô.

MÃE-CRIADEIRA – Termo de referência que designa a ebômin encarregada de atender o noviço durante o seu período de reclusão. É a responsável pelo preparo e administração dos alimentos; higiene pessoal; guarda-roupa e instrução do neófito nos mistérios do culto. Por isso, diz-se que “cria” aquele que está sendo iniciado.

MANDINGA – Feitiço, encantamento, também praga rogada em voz alta.

MÃO DE OFÁ – Pessoa incubida de colher folhas para rituais.

MARACÁ – Instrumento musical indígena.

MARAFÁ OU MARAFÓ – Aguardente, cachaça. Termo muito usado pelos Exus.

MARIÔ – A folha da palmeira desfiada, que forra as entradas das Casas de culto aos Orixás. As folhas desfiadas do dendezeiro que guarnecem as entradas de uma Casa de santo contra os egúns, os espíritos dos mortos.

MAZA – Água.

MOJÚBÀ – Louvação endereçada aos ancestrais ilustres, forças da natureza e aos próprios Orixás, durante os ofícios litúrgicos.

MUCAMBA – O mesmo que cambone.

MUGUNZÁ – Comida feita com milho branco cozido, leite, leite de coco, sal, açúcar, cravo e canela.

MUKUMBE – O mesmo que Ogum.

MUKUNÁ – Cabelo.

MUTALOMBO – O mesmo que Oxóssi, na origem Bantu.

MUZAMBÊ – Forte, vigoroso.

MUZENZA – Diz-se dos filhos de santo nos Candomblés de “Nação” Angola. O mesmo que iaô. Por extensão, designa a primeira saída pública do neófito no rito Angola. Significa literalmente “estranho ser animado”, na etimologia da língua kikongo.

N

NADABULÊ – Dormir.

NAGÔ – Nome dado aos escravos originários do Sudão, na África. Considera-se nagô como a religião do antigo reino de Iorubá.

NANÁ – Divindade das águas primordiais, dos pântanos e brejos. Por isso associada ao limo fertilizante e a vida, ou à putrefação e a morte. Considerada mãe de Omolú é sincretizada com Sant’Ana. Suas cores

são o vermelho, o branco e o azul que exhibe em seus colares. Sua insígnia é o Ibiri – artefato confeccionado com a nervura central das folhas do dendezeiro, de ápice recurvo como um báculo. Seu dia é sábado. Saudação – “Sálùbá”

NCÔSSE – O mesmo que Ogum.

NIFÉ – Fé, crença na língua iorubá

NOMINA – Oração que é guardada num saquinho e pendurada no pescoço como amuleto para proteção. Patuá.

NOZ-DE-COLA – Obi.

O

OBÁ – (min.) Título dos “pastores” de Xangô. (mai.) Orixá Obá, a deusa do amor e sereia africana, terceira esposa de Xangô. Terceira mulher de Sòngó, Obá é a deusa nigeriana do rio do mesmo nome. Muitas vezes se confunde com Ìyásan, pois, além de casada com Sòngó, usa também espada de cobre. Na outra mão leva, seja um escudo, seja um leque com o qual esconde uma de suas orelhas em lembrança do episódio mítico que deu margem à sua rivalidade com Òsun. No Brasil é sincretizada com Santa Catarina e Santa Joana d’Arc. Seu dia é quarta-feira. Seus colares são de contas alternadamente amarelas e vermelhas de tonalidades leitosas. É saudada como “Obáxireê!”

OBA – Rei.

OBÁ XIRÊ – Obá que brinca.

OBALUAIÊ – É a “forma” jovem de Omolu. Divindade da varíola e das moléstias infectocontagiosas e epidêmicas. É sincretizado, no Brasil, com São Roque, às vezes, com São Lázaro e ainda com São Sebastião, em Recife.

OBÉ – Faca. Termo que designa a faca usada nos sacrifícios, por extensão qualquer faca no jargão do Candomblé.

OBECURUZU – Tesoura.

OBEXIRÊ – Navalha.

OBI – Fruto africano utilizado em diversos rituais. Fruto de uma palmeira africana aclimatada no Brasil. Indispensável no Candomblé, onde serve de oferenda para os Orixás e é usado nas práticas divinatórias simples, cortado em pedaços.

ODÔ – Rio.

ODÔ, IÁ – Saudação de Iemanjá

ODU – Destino.

OFÁ – Arco e flecha utilizados por Oxóssi como ferramenta e, com os quais ele dança quando incorporado nos Terreiros. Designa o instrumento simbólico de Osóssi, consistindo num arco e flecha unidos em metal branco ou bronze.

OFÁ – Médiun responsável pela colheita e seleção das ervas nos rituais.

OFANGÊ – Espada.

OGÁ – Auxiliar nas sessões do Terreiro. Ogá pode ser um protetor de Terreiro ou um Chefe das Curimbas. Ambos têm o mesmo grau hierárquico. “Guarda” selecionado por Orixás, não entra em transe, mas age como auxiliar sagrado nos rituais. É cargo exercido, exclusivamente por homens. Dentro da hierarquia do Santo, vem logo depois do Zelador ou Zeladora, e é tratado como Pai de Santo, tendo o mesmo status da Zeladora ou do Zelador. Geralmente são filhos de Entidades espirituais e são os únicos a quem o Zelador ou Zeladora deve tomar a benção dentro da casa do axé.

OGUM – É o Deus das guerras e o Orixá que abre os caminhos.

OIÁ – O mesmo que Iansá. Outro nome conhecido por Iansá.

OIM – Mel.

OJÁ – Pano utilizado pelas Baianas para cobrir o peito. Pano também utilizado para vestir os atabaques.

OJÉ – Sacerdote dos cultos de Egungum.

OJÓ ODÔ – Dia da festa do pilão de Oxalá.

OJUM-CRÊ-CRÊ – Olho grande.

OKÊ – Montanha, morro.

OLOSSAIM – Sacerdote consagrado a Ossain para colher as folhas rituais. Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas na liturgia dos Candomblés. O mesmo que babalossain.

OLUBAGÉ – Festa anual dedicada a Omulu/Obaluaiê, onde lhes são servidas várias comidas rituais.

OLUÔ – Pessoa que vê através do jogo de búzios.

OMADÊ – Menino.

OMALÁ – O mesmo que Amalá. Comida feita para Xangô com inhame, dendê, camarão seco, cebola ralada e coberto com molho de quiabos.

OMIN – Água.

OMINTORÔ – Urina.

OMOLOCÔ – Culto de origem angolense.

OMULU – Orixá de natureza guerreira que tem o poder de combater as doenças.

OPANIJÉ – Toque cadenciado para Omulu dançar.

OPELÊ – Colar aberto no qual se encadeiam oito metades de coquinhos de dendê, mediante um fio trançado de palha-da-costa. É o instrumento divinatório privativo dos autênticos sacerdotes de Ifá.

ORÉ – Rapaz.

ORI – Cabeça. Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos Candomblés. É, além disso, uma divindade doméstica iorubá guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos. Também se diz que é a alma orgânica, precívél, cuja sede é a cabeça – inteligência, sensibilidade etc.

ORÍKÌ – Conjunto de narrativas da saga mística dos Orixás que proclamam seus feitos. Ocorre também sob a forma de pequenos enigmas endereçados a uma pessoa como voto de bons augúrios.

ORIKI – Nome da saudação do Orixá.

OXÊ – Machado alado, símbolo de Xangô.

OXÓSSI – Orixá caçador que representa a fartura. É companheiro de Ossain, por ser ele também das matas, e de Ogum.

OXUM – Deusa das águas doces e frias. É o Orixá da fertilidade e maternidade.

OXUMARÊ – Orixá do arco-íris encarregado de suprir o Orum com água. No Brasil é cultuado como Orixá metá-metá, ou seja hermafrodita, que tem dois sexos. Na África é tido como Orixá masculino.

OXUPÁ – A Lua.

OYÁ – Orixá Oyá, deusa dos ventos, tempestades e raios. Foi uma das esposas de Xangô.

OYÁ FUNÃ – Um dos tipos de Oyá Balé cultuada no Brasil.

OYÓ – Cidade da Nigéria fundada pelo pai de Xangô, que a deu de presente ao filho, transformando Xangô no rei de Oyó. Este é um dos locais onde o culto ao Orixá Xangô é mais forte.

P

PADÊ – Despacho para Exu no início das sessões ou festas, constando alimentos, bebidas, velas, flores e outras oferendas, a fim de que os mesmos afastem as perturbações nas cerimônias. O seu não cumprimento implica em perturbação de toda a ordem ritual.

PALHA-DA-COSTA – Tipo de palha proveniente da Costa da África, com que se designa a região sudanesa da África Ocidental (Golfo da Guiné). Usa-se trançada em diferentes artefatos litúrgicos.

PALINÓ – Cântico ou poema em louvor a Iemanjá

PANÃ – Ritual conhecido como Tira Kijila, que tem por finalidade relembrar ao iaô suas tarefas diárias, das quais ele esteve afastado durante o tempo da iniciação, além de aplicar-lhe ensinamentos, mostrando como deve se comportar fora da vida religiosa. Cerimônia na qual comidas feitas por iniciados são vendidas em mercados ou quitandas.

PARAMENTO(S) – Roupas e objetos utilizados em cerimônias do ritual religioso.

PAXORÔ – Instrumento simbólico de Oxalá usado pelos pais de santo em trabalhos. O Cetro sagrado de Oxalá. O símbolo que ele traz na mão direita quando dança, simbolizando o elo entre a Terra e o céu.

PEDRA-DE-RAIO – Meteorito, fetiche de Xangô, itá

PEMBA – É um pó preparado com diversas folhas e raízes para ser utilizado nos rituais para diversas finalidades. Pode ainda ser, uma espécie de giz que os Guias utilizam para riscar os pontos que os identificam, ou para traçar desenhos mágico-religiosos, de caráter invocatório, mais frequentemente empregado nos ritos de Umbanda.

PEPELÊA – Local onde ficam os atabaques.

PEPEYÉ – Pato.

PEREGUM – Folha muito utilizada em rituais de descarrego.

PERNA DE CALÇA – Homem, na linguagem de Exu e Pretos-Velhos.

PIPOCA – Comida de Omulu/Obaluaê. Grão de milho arrebitado na areia quente para ser utilizado em descarrego. Descarrego de Pipoca.

PRECEITO – Determinação. Prescrição feita para ser cumprida pelos fiéis.

Q

QUARÔ – Flor chamada Resedá possuidora de notáveis virtudes mágicas e grandemente empregada em banhos e defumações.

QUARTINHA – Vasilha de barro. Com alças é para feminino, sem abas Orixá masculino.

R

RONKÓ – Quarto de santo destinado à iniciação. Termo pelo qual se designa o aposento destinado a reclusão dos iniciados durante o processo de iniciação. Conhecido também como Camarinha.

S

SALUBÁ – Saudação a Naná Buruquê.

SANTERIA – Nome da religião na América Latina. Religião irmã do Candomblé

SANTO – Ver Orixá.

SEREIA DO MAR – Janaína, princesa d'água. Pode também representar também como Iemanjá dentro de um contexto.

SINCRETISMO – Fenômeno de identificação dos Orixás com os Santos Católicos.

SIRI – Conjunto de danças cerimoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos, característicos do desempenho de cada Orixá.

T

TEMPO – É um índice. Corresponde ao Iroko nagô. Muitas vezes seus assentamentos se encontram ao ar livre, isto é, “no tempo”. Dele se diz que é o dono da bandeira branca que distingue as Casas de Santo. Seu símbolo é uma grelha de ferro com três pontas-de-lança. É sincretizado com São Lourenço, santo católico que sofreu o martírio sobre uma grelha. Entidade de origem Bantu que no Brasil é cultuado como Katembo, o vento.

TEREXÊ – Em certas nações tem o significado de mãe pequena.

TERREIRO – Nome dado às Casas de culto aos Orixás.

TETEREGUN – É conhecida cana-de-macaco. Na classificação das folhas litúrgicas é considerada de agitação.

TOBOSSI – Entidade Jeje. Uma espécie de Erê menina.

U

UMBÓ – Cultuar.

V

VATAPÁ – Comida de Ogum.

VODU – Tipo de culto muito difundido nas Antilhas e em algumas regiões de Benin na África, que nada tem a ver com o culto aos Orixás.

VODUM – Entidade do culto Jeje, correspondente aos Orixás Iorubás.

VUMBE – No idioma dos Bantu significa morto ou espírito de morto. A expressão “Tirar a mão de Vumbe” significa fazer cerimônia para tirar a mão do falecido. Em outras palavras, fazer cerimônia para que ele se desprenda das coisas materiais e encontre o seu caminho no mundo espiritual.

VUNGI – Orixás crianças (Nação de Angola).

WÁJÌ – Nome litúrgico do anil ou índigo, a cor azul-escura.

X

XAMBÁ – Dissidência da Nação Nagô do Candomblé.

XANGÔ – Deus do raio e do trovão. Foi o segundo rei de Oyá e segundo as lendas iorubá, reinou com tirania e crueldade. Xangô não nasceu Orixá porque sua mãe era humana. Ele só tornou-se Orixá após a morte, quando voltou ao Orun.

XAORÔ – Guizo que os iniciados usam no tornozelo como um símbolo de sujeição. Tornozeleira ornamental, chocalho.

XAXARÁ – Símbolo do Orixá Obaluaiê. Feito com as nervuras das folhas de palmeira, e enfeitado com búzios e miçangas, é o que Obaluaiê traz nas mãos quando dança personificando os ancestrais.

XEREM – Chocalho de metal usado nos rituais.

XINXIN – Comida de Oxum e Exu feita com galinha ou com bofes.

XIRÊ – Do verbo brincar, podendo assim, significar divertir, jogar. Ou ainda o Xirê cantado para os Orixás, cântico dos Orixás.

XOXÔ – Oferenda feita para o Exu com o coco do dendezeiro.

Y

YABÁ – Rainha. Termo usado para designar os Orixás femininas, principalmente àquelas que foram realmente rainhas em passagens pela Terra como Iansã, Oxum e Obá, esposas do Rei Xangô.

YANGUI – Exu considerado o primeiro do Universo. Exu Yanguí, rei e pai dos demais Exus.

Z

ZAMBI – Denominação do deus supremo em alguns dos cultos de origem bantu.

ZARÁ – Saudação ao Orixá Tempo.

ZULU – Tribo africana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Janaina. *Os Caboclos da Umbanda – Mensageiros da Luz, Resgate da Identidade Nacional*. In: Revista de Estudos D'África, Centro de Estudos da Negritude. São Paulo: Humanitas, 2003.

AZEVEDO, Janaina. *Baianos & Entidades Regionais*. In: Portal de Religiosidade, Ocultismo e Esoterismo O HIEROFANTE. Disponível em: www.ohierofante.com.br.

DELUMEAU, Jean (dir.). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

FARELLI, Maria Helena. *Comida de Santo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

MATTA e SILVA, W.W. da. *Umbanda de Todos Nós*. São Paulo: Ícone, 1996 p.78-130.

PINTO, Altair. *Dicionário da Umbanda*. Rio de Janeiro: Eco, 1971 p.82-84.

SAIDENBERG, Thereza. “Como surgiu a Umbanda em nosso país: 70º aniversário de uma religião brasileira”. *Revista Planeta*, São Paulo, nº 75, dez 1978. p. 34-38.

SOUZA, Leal de. *No Mundo dos Espíritos*. 1925.